

Os três
MOSQUETEIROS

Alexandre
DUMAS

 **ZAHAR**

ALTAMENTE RECOMENDÁVEL – FNLIJ
CATEGORIA TRADUÇÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

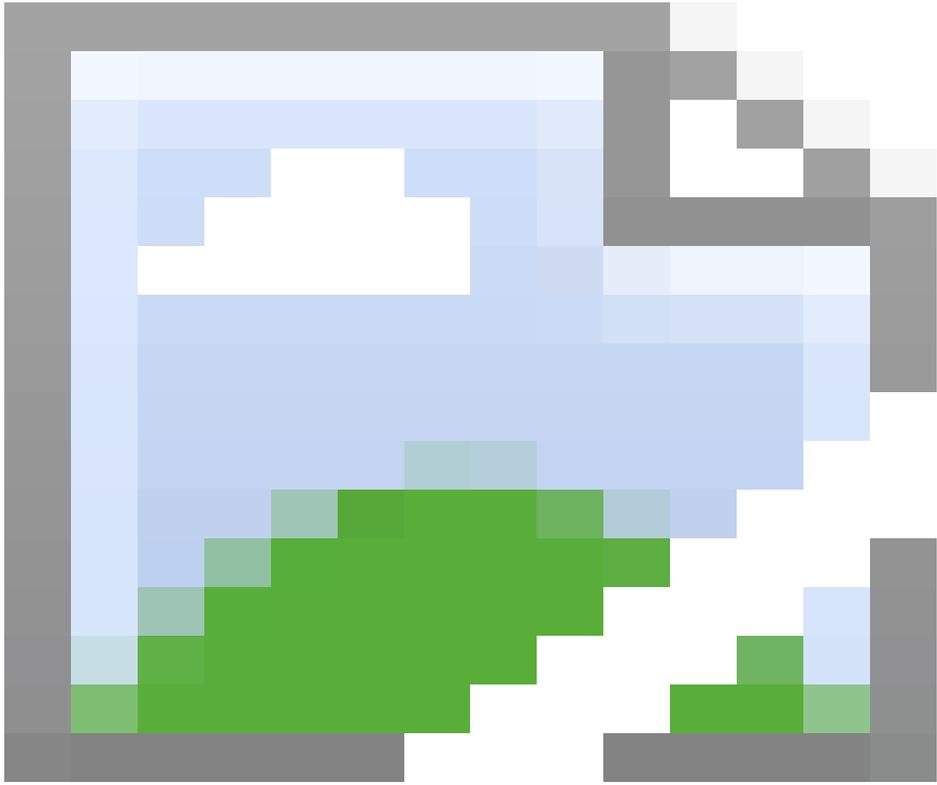
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Nota: Este livro foi scaneado e corrigido por Carlos Antônio. Seu uso é

exclusivo dos deficientes visuais.

Os Três Mosqueteiros

Alexandre Dumas

O jovem D'Artagnan

O jovem D'Artagnan saiu da casa paterna na Gasconha aos vinte anos, quando se sentiu capaz de enfrentar a vida em Paris. Seu sonho era pertencer aos mosqueteiros, a guarda especial do rei, na qual seu pai havia servido. Os mosqueteiros eram muito apreciados pelo rei Luís XIII, a quem eram fanaticamente leais, e muito temidos pelo Cardeal Richelieu, o poderoso ministro do monarca. As aventuras vividas por seu pai na suntuosa e rica Paris, contadas com riqueza de detalhes, faziam o jovem sonhar com a bela farda dos mosqueteiros.

Seu pai era um nobre de boa estirpe e nenhuma fortuna, sendo toda a sua riqueza a reconhecida honradez e a inquebrantável coragem.

Ao permitir a partida de seu filho, entregou-lhe a espada de bom aço, que usara a serviço do rei, um cavalo velho e estropiado e quinze escudos, o pouco dinheiro de que dispunha. Juntamente com muitas advertências e conselhos, fez questão de recomendar:

- Ao chegar à corte, não se esqueça nunca de que você é um nobre. Você só deverá inclinar-se diante do nosso bom rei Luís XIII e de Richelieu, o Cardeal. Nunca se humilhe diante de ninguém e, se for necessário, defenda sua honra com esta espada, que jamais foi vencida.

D'Artagnan partiu, levando apenas duas mudas de roupa e um ou outro objeto de uso pessoal.

No bolso junto ao peito, levava uma carta escrita por seu pai e destinada ao Sr. de Tréville, oficial comandante do Regimento dos Mosqueteiros, velho amigo e companheiro de armas de seu pai. Nela havia o pedido de incorporar o jovem fidalgo aos valentes mosqueteiros.

Cavalgando sem pressa para não sacrificar sua velha montaria, D'Artagnan alcançou a cidade de Meung, a meio caminho de Paris.

Como já passava do meio-dia, dirigiu-se a uma estalagem para comer alguma coisa e dar descanso ao animal.

Ao aproximar-se da porta de entrada, notou que um pomposo e arrogante fidalgo apontava a um grupo de amigos a figura lastimável de seu cavalo. Todos riam e faziam comentários pouco elogiosos sobre as qualidades do velho rocim.

D'Artagnan, que não era muito calmo e se irritava com facilidade, achou que, ofendendo seu cavalo, ofendiam o dono também. Tratou de tirar satisfações.

- O senhor está rindo de meu cavalo, por acaso? - perguntou, dirigindo-se ao nobre que parecia comandar os outros.

- É verdade. Raras vezes vi um cavalo tão feio, magro e de sengonçado! - respondeu o outro com um risinho trocista.

- Rir do cavalo é fácil. Que tal fazer o mesmo com seu dono?

- Ora - retrucou o provocador - rir-se de tão destemido cavaleiro seria uma imprudência!... - Era evidente que zombava do rapaz.

Furioso, D'Artagnan desembainhou sua espada e avançou:

- Defenda-se ou terei de feri-lo assim mesmo. O nobre olhou desdenhosamente para o afoito e voltou-lhe as costas, sem lhe dar a mínima importância.

Com grandes passadas, D'Artagnan adiantou-se e postou-se diante dele, já com a espada em riste.

- Se for um homem de brio, tire sua espada e lute! Só assim poderei apagar a ofensa que me fez.

Com um ar de grande aborrecimento, o homem exclamou:

- Ao diabo com esse cavaleiro gascão e sua honra ferida! E, com um sinal enérgico, fez com que seus dois criados se atirassem sobre o jovem guerreiro, aplicando-lhe uma série de pancadas que o deixou atordoado, caído no chão de terra.

Aproveitando que o jovem estava inconsciente, o fidalgo mandou que o rapaz fosse revistado, no que foi prontamente obedecido pelo estalajadeiro.

- Ele tem algumas roupas limpas, quinze escudos e uma carta endereçada ao Sr. de Tréville.

Isso pareceu interessar ao nobre, que se apoderou da carta, enquanto olhava mais atentamente para as feições do ferido, como se quisesse guardá-las na memória.

Depois da partida do nobre com seus criados, o dono da estalagem, penalizado com o estado do jovem, amparou-o até a cozinha, onde lhe fez alguns curativos e ajeitou-lhe as roupas sujas e amarrotadas.

D'Artagnan, quando chegara à estalagem, havia notado que o fidalgo, com quem depois se desentenderia, falava com uma mulher jovem e muito bonita, no interior de uma carruagem. Pálida, loura, com grandes e expressivos olhos azuis, possuía um rosto que o

jovem gascão não poderia esquecer facilmente. Notou que unham certa intimidade e que falavam em inglês, embora não pudesse entender o que diziam. E a cena ficou-lhe gravada na memória.

Com um pano enrolado na cabeça e ainda um tanto abalado pelas pancadas recebidas, D'Artagnan resolveu pernoitar ali mesmo, já que a tarde ia a meio e ele tinha uma longa jornada pela frente.

Na madrugada seguinte, quando se preparava para partir, deu falta da carta destinada ao Sr. de Tréville. Furioso, ameaçou incendiar a estalagem, caso ela não lhe fosse devolvida. O dono do estabelecimento, assustado, acabou por lhe contar que o fidalgo com quem brigara havia se apossado da carta.

- Assim que chegar a Paris, vou me queixar ao Sr. de Tréville e ele há

de comunicar esse crime ao rei! - exclamou, socando furioso a mesa da sala.

Depois de pagar a conta, montou no seu tão desprestigiado cavalo e, num passo lento mas contínuo, alcançou Paris no final da tarde do mesmo dia.

Já na cidade, conseguiu vender seu fiel amigo na primeira cava lariça que encontrou, já que o preço era realmente ínfimo. Depois, com a bagagem debaixo do braço, andou pela cidade até encontrar um alojamento que estivesse de acordo com seus poucos recursos.

Encontrou uma pensão na Travessa dos Coveiros, lugar frequentado por trabalhadores braçais e malandros mas que, além de cobrar pouco pelas acomodações, tinha a vantagem de ser próxima ao Palácio de Luxemburgo. Ali informou-se sobre o endereço do Sr. de Tréville e ficou muito satisfeito quando soube que a mansão do fidalgo não ficava muito distante de onde se hospedara. Esse fato lhe pareceu um bom presságio.

O Sr. de Tréville, em sua juventude, havia chegado a Paris atrás de fortuna e aventuras. Como tinha uma inteligência privilegiada e uma coragem a toda prova, não demorou a ser aceito no exército real.

Seu pai havia sido um fiel servidor do rei Henrique IV, tendo se destacado por sua bravura e lealdade.

Quando o velho Sr. de Tréville faleceu, Luís XIII, que era filho de Henrique IV e o sucedera no trono, aceitou o jovem Tréville em sua guarda, nomeando-o capitão dos mosqueteiros. Com o tempo, o rei afeiçoou-se ao dedicado e bravo servidor.

Satisfeito com a carreira e orgulhoso do quanto havia conquistado em sua vida, o Sr. de Tréville tinha como ambição máxima apenas comandar com eficiência os mosqueteiros e servir ao rei.

O Cardeal Richelieu, ministro de Luís XIII e homem de enorme poder político, vendo a lealdade com que os mosqueteiros serviam ao rei, resolveu criar uma guarda para si próprio. Para isso buscava os melhores espadachins da França, fazendo uso, por vezes, de artimanhas para recrutá-los.

Com o tempo, as forças dos mosqueteiros do rei e os guardas do Cardeal começaram a alimentar uma perigosa rivalidade. Embora os duelos fossem proibidos, quase sempre ocorriam encontros entre soldados das duas forças, resultando em sangrentos combates.

Os comandantes, ao tomarem conhecimento dessas brigas, repreendiam asperamente os contendores, mas castigos mais severos nunca eram aplicados. Essa impunidade contribuía para o aumento da rivalidade e, em consequência, dos duelos.

O Sr. de Tréville era querido e admirado pelos amigos do rei e muito temido por seus inimigos. Recebia a todos com igual cortesia e sua mansão vivia cheia de mosqueteiros que, além de lhe servirem de

guarda, sempre vinham em busca de algum conselho ou favor especial.

Quando D'Artagnan alcançou as escadarias da imensa mansão do comandante geral dos mosqueteiros, deparou-se com uma verdadeira multidão que se acotovelava, esparramando-se por todos os degraus, não deixando espaço para um único corpo ali passar ou a ela se juntar.

Os espalhafatosos e irreverentes espadachins discutiam ruidosamente, abanavam seus enormes e coloridos chapéus e faziam tilintar as espadas. Alguns contavam piadas pesadíssimas sobre a vida e as damas da corte.

Como um fidalgo provinciano e ainda cheio de ideias românticas sobre a corte, D'Artagnan ficou chocado com o palavreado dos mosqueteiros. Não conseguia acreditar que os servidores do rei pudessem usar aquele tipo de linguagem, própria das tabernas mais sujas.

"Deviam ser enforcados!" - pensou, escandalizado com aquele espetáculo.

Aos poucos, com muito esforço, alcançou um porteiro, apresentou-se e pediu uma audiência com o Sr. de Tréville. Foi então instruído a esperar com toda a paciência do mundo, pois poderia demorar. Como nada mais tivesse a fazer, acomodou-se num canto e ficou observando o movimento ao redor. No centro de um grupo, um afetado mosqueteiro, que se destacava pela conversa em altos brados, se exibia envolto numa grande capa de veludo vermelho, ostentando um largo cinturão que sustentava sua grande espada, bem maior que as normais. O cinturão era todo bordado com fios de ouro e belas pedras preciosas.

- Um belo cinturão. Pormos - observou o homem com quem conversava. - Será presente de uma certa dama com quem o vi passeando pêlos lados de Saint-Honoré?

- Nada disso! Comprei-o por um dinheirão! - Pormos fez um gesto de pouco caso. - Foi uma loucura, bem sei, mas está na moda. Afinal, o dinheiro é para ser gasto, não é Aramás?

Aramis era completamente diferente de Pormos. Enquanto este era grande e robusto, já com alguns sinais de que a juventude tinha passado, Aramis era um rapazote na flor da idade, ágil e franzino.

Porthos era alterado e violento, e Aramis, por sua vez, era espirituoso e falava sempre com voz comedida.

O único ponto em comum era uma indestrutível amizade, talvez mais sólida justamente por ser apoiada em características tão contrastantes.

Enquanto os dois discutiam seus gostos e preferências, observados discretamente por D'Artagnan, o criado voltou anunciando que o Sr. de Tréville iria recebê-lo.

O Sr. de Tréville recebe D'Artagnan

Diante do Sr. de Tréville, D'Artagnan curvou-se o mais que pôde e agradeceu a honra de ser recebido pelo comandante dos bravos mosqueteiros.

O sotaque carregado e a maneira peculiar de se expressar agradaram ao anfitrião, que também era filho da província e não escondia a saudade que sentia de sua terra natal.

Fazendo um gesto como para pedir licença ao jovem a fim de concluir um assunto não encerrado, o Sr. de Tréville gritou para a antecâmara:

-Athos! Porthos! Aramis!

Dois homens entraram em seguida. Eram os mesmos que, pouco antes, comentavam sobre o cinturão bordado a ouro e pedras

preciosas. Com atitude respeitosa, ficaram aguardando as ordens do chefe, que caminhava de um lado para outro, com evidentes sinais de mau humor. De súbito, o Sr. de Tréville parou diante dos dois e, olhando-os de alto a baixo, resmungou:

- Ontem à noite, o rei me disse que, de agora em diante, irá recrutar seus mosqueteiros entre a guarda do Cardeal.

- Por que, meu comandante? - perguntou Aramis, que parecia não ter se importado muito com isso.

Como se não tivesse ouvido a pergunta, o outro continuou:

- Ontem à noite, quando o Cardeal jogava xadrez com o rei, olhou-me como se eu fosse o mais miserável dos homens e disse-me que meus mosqueteiros tinham provocado uma grande desordem em uma taberna. Por isso seus guardas haviam sido obrigados a prender os desordeiros. Que me dizem disso? Participaram da baderna? O que faziam os dois bravos e o sempre ausente Athos?

- Athos está doente - explicou Aramis, compungido.

- Que tem ele?

- Talvez seja varicela, senhor - completou Pormos, antes que o outro abrisse a boca.

- Varicela? Em sua idade? - o Sr. de Tréville olhou ferozmente para um e para outro esperando uma resposta. Como esta não veio, continuou: - É mais provável que esteja ferido depois do que aconteceu...

Como nenhum dos mosqueteiros abrisse a boca, o comandante deu um murro na mesa e gritou:

- Não admito que meus homens andem meüdos em lugares sus peitos nem que sirvam de bobos para os guardas do Cardeal. Parece que esses bravos mosqueteiros perderam a coragem e servem apenas para ser humilhados, justamente pêlos homens de Richelieu!

Pormos e Aramis estavam rubros de vergonha e de raiva. Incapazes de responder ao comandante, ouviam aquela reprimenda quase engasgados de fúria.

- Os mosqueteiros de Sua Majestade são presos pêlos guardas do Cardeal! - prosseguiu o Sr. de Tréville cada vez mais irado. - Meia dúzia de guardas prendem outros tantos mosqueteiros. Isso é demais!

Só me resta ir ao palácio e renunciar ao posto de comandante dos mosqueteiros! Não posso liderar uma turma de baderneiros sem fibra.

Pormos não se conteve:

- Por favor, capitão! Os guardas do Cardeal nos pegaram à traição. Não deu tempo de reagir. Dois dos nossos foram mortos e Athos sofreu um ferimento grave. Assim mesmo não conseguiram nos levar presos. Athos ficou caído, dado por morto.

Já mais calmo, o comandante perguntou:

- E agora, como está ele?

- Bastante ferido. Uma espada perfurou-lhe um ombro; outro golpe o atingiu no peito. Acho que não devemos comunicar ao rei, pois ele ficará ainda mais irritado com isso.

De repente, a porta do gabinete abriu-se e Athos entrou com passos inseguros, mas cadenciados. Lívido, de cabeça erguida,

orgulhosamente falou com voz firme:

- Fui chamado, senhor, e me apresento!

Apesar da evidente fraqueza, o jovem mosqueteiro mantinha uma rígida posição de sentido. Seu uniforme estava impecável e as botas reluzentes.

Comovido, o Sr. de Tréville adiantou-se e apertou a mão do jovem.

- Não quero que meus homens arrisquem a vida sem necessidade.

Assim mesmo, alegro-me que esteja bem.

No mesmo instante, Athos deslizou para o chão, caindo desmaiado.

Chamado às pressas, um médico tratou do ferido, que logo recuperou a consciência. Seus dois amigos permaneceram em sua companhia, seguindo atentamente os movimentos do ferido. Uma grande amizade os unia.

D'Artagnan, enquanto isso, continuava firme em seu posto de espera. Mesmo com as últimas tropelias, não pensava em sair sem falar com o Sr. de Tréville. Passados alguns minutos, o comandante entrou no gabinete e sentou-se na grande poltrona junto da mesa.

- Não me esqueci do senhor. Afinal de contas somos conterrâneos, não? - disse com um sorriso simpático. - Faz muitos anos que saí da Gasconha. Tinha mais ou menos a sua idade. Mas nunca me esqueci de minha terra natal. - Deu um suspiro e continuou:

- Vamos aos negócios: que posso eu fazer pelo filho de meu grande amigo?

- Minha vontade é ser mosqueteiro, como meu pai. Parece-me uma coisa um tanto difícil pelo que presenciei aqui... O Sr. de Tréville sorriu, confirmando com a cabeça.

- Ninguém é admitido entre os mosqueteiros sem que tenha dado provas de grande valor. Para pertencer aos guardas do rei, será preciso que, antes, preste serviços por um ou dois anos em outro regimento... É uma formalidade que não podemos evitar.

Depois de um longo silêncio, como se refletisse intensamente, o Sr. de Tréville perguntou:

- Trouxe algum dinheiro? Vai ter de se aguentar até receber o primeiro soldo, que demorará algum tempo... talvez meses.

Sentindo que o comandante não lhe estava dando o valor que a si mesmo atribuía, D'Artagnan respondeu um tanto bruscamente:

- Vejo que a carta que me foi roubada está fazendo falta agora. Não penso em servir a não ser entre os mosqueteiros.

- De que carta está falando? - o Sr. de Tréville ficou curioso.

- Antes de minha partida, meu pai escreveu-lhe uma carta pedindo que, em nome da velha amizade, eu fosse admitido no regimento dos mosqueteiros... mas parece que, sem esse pedido formal, devo perder as esperanças.

- Gostaria que me contasse como lhe foi roubada essa tal carta.

D'Artagnan contou detalhadamente o ocorrido no dia anterior, descrevendo as personagens com riqueza de pormenores. O

comandante ouviu tudo com grande atenção, perguntando várias vezes como era o tal nobre da carruagem e sua acompanhante. Depois comentou:

- Isso tudo é muito estranho. Meu nome chegou a ser mencionado durante a discussão?

- Não, mas a carta era dirigida ao senhor.

- E ele falava em inglês com essa mulher?

- Assim me pareceu.

- Então era ele... - murmurou o Sr. de Tréville. - Julguei que ainda estivesse em Bruxelas.

- Se o senhor sabe quem é, peço-lhe que me diga o seu nome. Quero cobrar a ofensa.

- Nem pense! Se acaso o encontrar, trate de desviar-se. Somente assim estará a salvo.

Uma rápida suspeita passou pela mente sempre alerta do velho mosqueteiro: "Estaria aquele jovem gascão a serviço do Cardeal?" Mas observando os movimentos de D' Artagnan e uma certa Três encontros azarados

D'Artagnan lançou-se escada abaixo numa louca disparada. Seu intento era alcançar o homem que havia mandado aplicar-lhe a surra em Meung, mas nos últimos degraus chocou-se com um mosqueteiro que descia a escada lentamente.

- Desculpe-me - disse o jovem, mal virando o rosto. O mosqueteiro ficou pálido de raiva. Num rápido movimento, postou-se diante do apressado gascão e segurou-o com uma

mão no peito.

- Não aceito suas desculpas! - falou com voz forte. - Quase me derruba e pensa que um simples pedido de desculpas encerra o caso?

Quem falava era Athos que, já refeito do desmaio, voltava para casa.

- Não tive intenção de ofendê-lo - desculpou-se D'Artagnan, o mais delicadamente possível. - Foi um simples acidente. Desculpe. Isso acontece. Vou tratar de meus negócios, que são urgentes.

Athos irritou-se. Seus nervos não estavam muito firmes para aceitar ponderações.

- O senhor não tem nem sinal de cortesia. Certamente acaba de chegar de alguma distante província.

- Realmente vim de longe, mas não acredito que o senhor seja o homem indicado para ensinar-me civilidade.

- Podemos comprovar isso, cavalheiro. Basta que marquemos um encontro.

- Pois não. Marque o lugar e a hora que estou com pressa.

- Perto do Convento das Carmelitas ao meio-dia. Está bem?

- Combinado. Agora deixe-me ir que tenho pressa. D'Artagnan ainda pretendia alcançar sua presa e correu até o portão principal da mansão, onde dois guardas vigiavam quem entrava e quem saía. Pormos, o outro mosqueteiro que estivera na sala de audiências ouvindo as reprimendas do comandante, falava com as sentinelas e dava-lhes instruções.

Na corrida para transpor os portões, D'Artagnan teve a pouca sorte de enroscar-se na flutuante capa do mosqueteiro e, antes que conseguisse desvencilhar-se, arrancou-a dos ombros do aturdido fidalgo.

Talvez as coisas pudessem se arranjar sem maiores problemas, não fosse o fato de o famoso e belo talabarte do mosqueteiro ser uma meia fraude. A parte traseira, oculta pela capa, era feita de uma simples e pobre correia de couro sem nada que o valorizasse. A

exibição desse detalhe enfureceu o vaidoso mosqueteiro, que não teve dúvidas em interpelar o apressado gascão.

- Quando corre, o senhor fica cego ou é de sua natureza atropelar os outros?

Embaraçado, mas já um tanto irritado com o modo de o outro falar, D'Artagnan respondeu:

- Não tão cego que não veja seu belo enfeite ser metade ouro e metade couro.

Pormos levou a mão ao cabo da espada e fez menção de desembainhá-la.

- Agora não, cavalheiro. Tenho pressa. Marque hora e local, por favor.

- Atrás do Palácio de Luxemburgo, à uma hora, está bem?

D'Artagnan nem parou para responder. Correndo pela rua, na direção que pensava ter tomado seu inimigo, gritou sobre o ombro:

- Confirmado. À uma hora.

Olhando para todos os lados, o jovem procurou seu inimigo de Meung, mas não havia o menor sinal dele. Arfando, andou de um lado para outro, sem saber o que fazer ou qual rumo tomar.

Naquela disparada, havia praticado três crimes contra seus princípios. Primeiro, fora muito grosseiro ao sair da casa do comandante Tréville sem qualquer explicação ou despedida. Depois, arranjara dois duelos justamente contra os mosqueteiros da corporação na qual pretendia ser admitido.

- Nada mal para um tolo como eu - resmungou. - Até aqui só

consegui fazer besteiras e agora vou arriscar a vida contra dois homens de armas altamente experientes. Se escapar desta, o que me parece improvável, juro que vou aprender a segurar meu gênio e a deixar a espada na bainha.

Andando lentamente e pensando nos próximos passos a dar, voltou para a entrada da mansão com a intenção de desculpar-se com o Sr. de Tréville.

Na entrada estava parado o terceiro mosqueteiro que havia conhecido durante a audiência. Era Aramis. Com o firme propósito de não provocar mais qualquer problema, ao entrar no pátio fez um seco cumprimento de cabeça. Aramis voltou-se para observar o gascão quando deixou cair um lenço.

- Deixou cair um lenço, cavalheiro - advertiu cortesmente D'Artagnan com o visível intuito de ser agradável. Um dos guardas soltou uma risada:

- E ainda quer fazer crer que não está apaixonado pela encantadora dama que lhe mandou o lenço! - observou, cutucando o companheiro.

Aramis olhou com uma raiva quase incontável para o indiscreto gascão e afirmou, tentando dar ar de pouco caso:

- Os senhores estão enganados. Esse lenço não me pertence. Os guardas, porém, continuaram a brincar com Aramis, que já estava perdendo a paciência.

- De fato - arriscou dizer D'Artagnan, timidamente, sentindo que havia sido indiscreto - não vi o lenço cair do bolso do cavalheiro.

Como estava próximo, pensei que lhe pertencesse.

- E pensou errado - retrucou Aramis com maus modos.

- Espero que me desculpe.
- Sua conduta foi de um cavaliço e não de um fidalgo.
- Bem, estou pedindo desculpas - D'Artagnan sentiu que o outro queria levar adiante a discussão.
- Suponho que não seja um tolo, mesmo vindo da Gasconha, e que lá não se pisa num lenço sem um bom motivo. - Aramis tinha uma atitude francamente provocadora.
- O senhor acertou: sou da Gasconha. O gentil mosqueteiro deve saber também que os gascões são pouco pacientes.
- A paciência é uma virtude bastante inútil para os mosqueteiros.

E o senhor comprometeu uma dama. Isso exige reparação!

- O senhor, deixando cair o lenço, comprometeu-a. É dupla mente culpado: primeiro, pelo descuido de deixar cair o lenço.

Segundo, por querer transferir sua culpa para outra pessoa. No caso, eu. Acho que devemos acertar essa conta. - D'Artagnan terminou de falar, já com a espada saindo da bainha.

- Aqui não! - exclamou o outro. - É melhor marcarmos um lugar conveniente. Que tal às duas horas na mansão do Sr. de Tréville?

- Ótimo! Lá estarei.

Sem ânimo para pedir desculpas ao Sr. de Tréville, D'Artagnan tomou o rumo da pensão, na Travessa dos Coveiros. E cogitava soturnamente: "Até agora a única coisa que consegui foi arrumar confusão. Três duelos no mesmo dia é a maior garantia de que não sairei vivo dessa aventura".

Os guardas do Cardeal

O primeiro duelo de D'Artagnan seria ao meio-dia, contra Athos.

Caminhando em direção ao Convento das Carmelitas, o jovem pensava seriamente em tentar anular o duelo, sem que parecesse covardia por sua parte, pois as condições físicas de seu oponente eram sabidamente ruins. Ferido como estava, Athos não teria como sustentar uma luta de espadas.

Chegando ao local, por trás do convento, encontrou Athos esperando-o.

Depois de se cumprimentarem com toda a cordialidade, Athos esclareceu:

- Convidei dois amigos para padrinhos, mas estão atrasados.

Peço-lhe desculpas.

- Meu problema é maior. Não tenho padrinhos. A única pessoa que conheço em Paris é o Sr. de Tréville. Além disso, pensei em discutir outro problema com meu nobre contendor: como está

gravemente ferido, pareceu-me pouco honroso feri-lo mais uma vez, por esse motivo...

- Realmente tenho o ombro em fogo, mas isso não deve impedir uma questão de honra - o mosqueteiro estava pálido e com visíveis sinais de sofrimento.

- Se me permite, tenho uma pomada, feita por minha mãe, que é

um santo remédio para esse tipo de ferimento. Não só alivia a dor como ajuda na cicatrização. - E, antes que o outro recusasse, ürou do bolso uma latinha onde estava a milagrosa pomada. - Use-a e, em três dias, estará em condições de lutar. Daí, então, resolveremos nossa questão de honra.

Enquanto Athos, admirado com a simpatia e simplicidade do jovem, agradecia o oferecimento, Pormos apontou no fim da rua com sua enorme estatura.

- Lá vem Pormos! - exclamou Athos. - E logo atrás vem Aramis!

Nosso duelo está garantido.

- São seus padrinhos? - perguntou, espantado, o gascão.

- Então não sabe que somos conhecidos como "Os Três Inseparáveis"?

Surpresos com a coincidência, os três mosqueteiros fizeram a maior algazarra.

- O que está acontecendo, afinal? - perguntou D'Artagnan, quase gritando, para ser escutado.

- Nós três devemos cruzar armas com o senhor! Isso é admirável! - exclamou Athos.

- Um de cada vez! - disse D'Artagnan. - O que talvez faça com que dois dos senhores não tenham de tirar suas espadas das bainhas. Basta que o primeiro me mate.

Athos e D'Artagnan livraram-se dos chapéus, das capas e cruzaram as espadas, cumprimentando-se, elegantemente. O duelo deveria iniciar-se a um sinal de Pormos.

Antes que isso acontecesse, um grupo de guardas do Cardeal Richelieu avançou a galope. O chefe da escolta, um tanto adiantado, gritou já com a espada em punho:

- Ei, mosqueteiros! É proibido duelar! Estão todos presos, por ordem do Cardeal!

- Esqueçam! - gritou Porthos. - Quando os guardas do Cardeal estiverem duelando, prometemos não interferir.
- Nada disso! Estão todos presos - respondeu o guarda. Porthos virou-se para os amigos e falou calmamente:
- Afinal são só cinco e nós somos três. Está equilibrada a disputa.
- Quatro! - gritou, afoitamente, D'Artagnan.
- Não se meta. O senhor não é mosqueteiro! - disse rispida-mente Athos, já preparado para o combate.
- Ainda não! Nem por isso minha espada é menos valorosa!

O embate, inevitável, foi violento e caótico. Era uma luta em que valiam todos os tipos de golpes.

D'Artagnan, por acaso, ficou frente a frente com o comandante da escolta, que parecia ser um bom lutador. O jovem gascão, usando um estilo que nada tinha a ver com a elegância dos duelos de espada, envolveu o inimigo com uma série de golpes que o derrubou quase imediatamente. Voltando o olhar para o campo de batalha, D'Artagnan procurou descobrir onde seria mais útil. Aramis dava e recebia golpes sem atingir ou ser atingido. Porthos, embora com um ferimento no braço, mantinha-se manejando a enorme espada, como se fosse uma simples varinha. Em pior situação se encontrava Athos. Apesar de ainda se manter em pé, era evidente que suas forças lhe fugiam. Havia recebido um segundo golpe e mal conseguia manter o inimigo a distância.

De um salto, o valente gascão ficou junto de Athos. Cruzando a espada com o guarda, obrigou-o a defender-se, aliviando a carga sobre o mosqueteiro ferido.

- Agora é comigo, senhor guarda! - bradou. - Vou matá-lo!

- Não! - gritou Athos em resposta. - Tenho contas a ajustar com esse cavalheiro! Basta desarmá-lo!

A espada do guarda, um dos favoritos de Richelieu e de nome Cahusac, saltou longe com o golpe desferido por D'Artagnan.

- Sua vontade é uma ordem! - disse o jovem, fazendo um amplo cumprimento com a espada.

Era urgente, porém, terminar aquela contenda antes que alguma ronda da cidade aparecesse.

O último guarda, ainda em condições de lutar, ao ver que seus companheiros haviam caído, levou sua espada ao joelho e quebrou-a antes que lhe fosse tomada. Depois, com um olhar altivo e sem sinais de medo, ficou esperando a reação dos mosqueteiros. Estes fizeram lhe uma breve saudação em louvor de sua coragem e deixaram-no ir.

Escorando-se mutuamente, os três mosqueteiros e D'Artagnan dirigiram-se para a mansão do Sr. de Tréville.

Nos portões de entrada, o gascão comentou olhando para seus novos amigos:

- Não sou ainda um mosqueteiro, mas não acham que comecei bem meu aprendizado?

Uma gargalhada geral foi a resposta.

Ao serem recebidos pelo comandante, os três mosqueteiros ficaram sabendo que este já havia sido informado da briga contra os guardas do Cardeal.

- Pelo menos desta vez não foram vergonhosamente derrotados!

- comentou o Sr. de Tréville, fingindo raiva. - E onde está esse esquentado gascão que parece atrair briga como um imã? Tragam-no aqui que quero lhe falar.

Os três mosqueteiros se olharam sem saber se isso era um bom ou mau sinal para D'Artagnan.

D'Artagnan na Guarda Real

Na manhã seguinte, o jovem se esforçava num jogo de péla que lhe era desconhecido e em que logo foi vencido por Pormos e Aramis.

- Não me admira que esses jovens da província sejam todos tão fracos num jogo aristocrático como a péla - comentou um espectador em voz alta, com o intuito de ser ouvido pelo jovem.

Alguns espectadores próximos riram com a observação.

D'Artagnan não gostou:

- Prefiro um jogo mais viril... como a espada - disse, olhando firme para o cavalheiro que fizera a observação.

- Sabe com quem fala? - perguntou o outro.

- Não faço a menor ideia.

- Bemajoux, às suas ordens, cavalheiro!

Conhecido como provocador de brigas e temível espadachim, Bemajoux ficou surpreso com a indiferença mostrada pelo gascão. Na realidade, D'Artagnan nunca ouvira falar da fama do outro.

- Muito bem, Sr. Bemajoux, espero-o em frente ao portão. Lá poderei receber algumas lições de péla.

Já frente a frente com Bemajoux, D'Artagnan agitou violentamente a espada, testando sua destreza.

- Terminou, cavalheiro? Tenho um encontro logo mais e não posso perder tempo - disse o espadachim, com altivez.

As espadas se cruzaram numa rápida e mortal coreografia.

Embora Bemajoux fosse muito hábil e experimentado, não conseguiu interromper a alucinante sequência de golpes desferidos pelo jovem e forte gascão. Defendendo-se como podia, o orgulhoso Bemajoux foi recuando em direção ao Palácio de La Tremouille, onde tinha alguns parentes entre os empregados. Dois guardas do Cardeal avistaram os contendores e logo correram para unir-se contra o jovem gascão.

Vendo isso, Athos, Pormos e Aramis, que a tudo assistiam a uma certa distância, ergueram suas espadas, exclamando em uníssono:

- Um por todos e todos por um! - e tomaram parte no combate.

Depois de alguns momentos em que as espadas falaram mais alto, Bemajoux caiu ferido. Seus colegas, vendo que estavam em - minoria e diante de grandes espadachins, imediatamente gritaram por ajuda. Do interior do Palácio de La Tremouille saíram vários homens brandindo suas espadas.

- Mosqueteiros, ajuda! - gritou Pormos, com seu potente vozeirão.

Saídos de todos os cantos, acorreram inúmeros mosqueteiros, soltando gritos de guerra. Logo uma grande confusão com gritos, pragas e tilintar de espadas tomou conta do lugar.

Novamente em minoria, os aliados de Bemajoux iam perdendo terreno. A luta estava no seu auge quando o sino bateu onze badaladas,

- Vamos embora! - gritou Aramis. - Temos de ir para a man-são e impedir que os guardas do Cardeal dêem uma falsa versão do ocorrido, O Sr. de Tréville já havia sido informado da verdadeira luta campal no Palácio de La Tremouille e achou melhor informar o rei . -antes que o Cardeal ou seus homens distorcessem os fatos. Junto com os mosqueteiros, correu para o palácio real. Lá, um criado disse-lhe que o rei havia saído para uma caçada em Saint-Germain.

- O Cardeal Richelieu estava com ele? - perguntou o Sr. de Tréville.

- Acredito que sim. Excelência. Vi quando estavam preparando os cavalos do Cardeal.

De volta, o Sr. de Tréville achou melhor tratar com o Sr. de -La Tremouille e acertar tudo antes que o episódio tomasse maiores proporções. Foi recebido friamente.

- Advirto-o, Sr. de Tréville, de que já mandei abrir um inquérito para averiguar os últimos acontecimentos e ficou claro que a -culpa desse estúpido combate foi toda dos mosqueteiros! - disse o Sr. de La Tremouille.

- E Bemajoux? Ele certamente poderá contar a verdade!

- Está passando muito mal. Foi ferido com gravidade.

- Mas fala?

-Sim...

- Pois então, senhor, eu lhe peço que pergunte a Bemajoux como aconteceram os fatos. Deixe-me que o acompanhe e tomarei como verdade o que ele disser.

Ao receber a visita dos dois nobres cavaleiros, Bemajoux, muito debilitado, nem pensou em ocultar a verdade. Logo foi contando o que tinha acontecido entre ele e D'Artagnan.

O Sr. de Tréville, satisfeito com o que ouvira, despediu-se do Sr. de La Tremouille e encaminhou-se novamente para o palácio real.

Acompanhado dos três inseparáveis mosqueteiros e de D'Artagnan, esperou que Luís XIII voltasse da caçada para, em primeira mão, contar-lhe os últimos acontecimentos.

Passado o ímpeto da escaramuça e tendo tomado maior consciência da gravidade dos fatos, D'Artagnan estava bastante preocupado. Os próximos minutos seriam decisivos para sua vida. Tanto poderia ser admitido na Guarda Real como ser atirado no fundo de uma masmorra. Tudo iria depender de como o rei recebesse a história de sua participação nos combates entre os mosqueteiros e os guardas do Cardeal.

O rei, ao chegar, estava bastante taciturno. Luís XIII aparentava preocupação.

Quando o Sr. de Tréville se aproximou e saudou o rei, este falou com evidente aborrecimento:

- Bela caçada, senhor capitão! Ou nossos cães perderam o faro ou a caça já não deixa cheiro por onde passa. Não encontramos sequer um mísero coelho! Sou um monarca infeliz, meu caro capitão!

- Compreendo sua tristeza, Majestade.

- E o Cardeal... Não me dá um minuto de paz, com seus inúmeros e insolúveis problemas políticos! Nem em minhas caçadas me dá descanso!

O rei fez um longo silêncio. Depois suspirou e disse:

- Por falar no Cardeal, estou desgostoso com o senhor, capitão.

- Terei sido tão imprudente a ponto de desagradar a Vossa Majestade? - o velho e ardiloso mosqueteiro perguntou com ar de grande espanto.

- Por acaso o nomeei capitão de meus mosqueteiros para que seus comandados matem um guarda, perturbem um bairro inteiro e tentem incendiar a cidade? - perguntou o rei, dando largos passos de um lado para o outro. - Terá vindo o senhor para comunicar-me a prisão dos arruaceiros e pedir-me justiça?

- Venho pedir-lhe justiça justamente contra os que caluniam...

- Já esperava por isso! Naturalmente vai me dizer que seus três valentões mais aquele rapazola da Gasconha não atacaram e quase mataram o pobre Bemajoux?

- Quem o informou desse infeliz episódio? - perguntou o Sr. de Tréville.

- Foi o único amigo em quem posso confiar. Meu conselheiro, o Cardeal Richelieu.

- O Cardeal foi iludido, Majestade - afirmou o capitão.

- A informação veio do próprio Sr. de Tremouille, que é um fidalgo honrado. - O rei estava irredutível.

- Peço a Vossa Majestade que fale diretamente com o Sr. de La Tremouille. Ele haverá de contar a verdade, já que é um nobre e honrado servidor do trono. - Foi a cartada que o mosqueteiro teve de dar. Sua última. Tudo estava calcado no que diria o fidalgo.

No dia seguinte, o Sr. de Tréville passava num corredor do palácio real quando encontrou o Sr. de La Tremouille.

- Sr. de Tréville, acabei de dizer ao rei que a culpa dos graves acontecimentos de ontem é inteiramente de meus homens. E

apresentei minhas desculpas por isso! - disse altivamente.

- Senhor duque - replicou o Sr. de Tréville - tinha tanta fé em sua honra que não pedi outro defensor! Agradeço-lhe.

Diante do rei, os quatro amigos - três mosqueteiros e um pretendente - ouviram uma leve reprimenda. A verdade é que Luís XIII se orgulhava de seus bravos e leais comandados.

- Como sei que não há lugar entre os mosqueteiros, meu capitão, peço-lhe que coloque este jovem gascão na Companhia de Guardas Reais. No futuro, veremos o que fazer - ordenou Luís XIII, enquanto batia amigavelmente no ombro de D'Artagnan.

O Sr. de Tréville concordou, acenando com a cabeça, enquanto imaginava a raiva por que passaria o conspirador Cardeal quando soubesse que suas denúncias não haviam surtido qualquer efeito.

Os três mosqueteiros

A vida de D'Artagnan, desde que se unira aos três inquietos mosqueteiros, mudara completamente. Tudo o que fazia era em companhia dos amigos e, quando estavam de serviço, o bravo gascão partilhava das sentinelas e das patrulhas, como se fosse um deles.

Para D'Artagnan tudo eram novidades e emoções. Estar com qualquer dos mosqueteiros proporcionava sempre algo inusitado e interessante para o deslumbrado D'Artagnan.

Embora tentasse saber algo sobre a vida dos três amigos, nem mesmo seus nomes completos conseguira descobrir. Eram muito reservados e somente quando surpreendia uma conversa entre eles conseguia ouvir retalhos de frases sem significado.

Aos poucos fez um pequeno apanhado de cada um.

Amos, com trinta anos incompletos, tinha uma espada com empunhadura de ouro e pedras preciosas que valia uma fortuna, mas que nunca seria vendida por dinheiro nenhum, mesmo que a mais negra miséria se abatesse sobre ele. Pelo modo de ser, era evidente que vinha de uma linhagem de nobres. Sua bolsa vivia vazia.

Porthos era um tipo genioso, que falava alto, pouco se lhe importando se o ouviam ou não. Era dono de uma casa mais ou menos suntuosa que gostava de exibir aos amigos. Algumas vezes fazia seu criado Mosqueton vestir-se com uma rica libré e colocar-se diante da porta para receber os amigos. Gastava o que ganhava em festas e jogos.

Aramis era um estudioso. De maneiras simples e gestos comedidos, pretendia tomar as ordens sagradas. Seu sonho era ser padre. "Na hora certa, trocarei a farda pela batina. Estou me preparando para isso." Seu criado Bazin tinha o mesmo sonho, daí serem tão amigos. Viviam modestamente numa pequena e bem cuidada casinha nos arredores da cidade.

Esses eram os homens que se tornaram amigos e, de certa forma, protetores do fidalgo D'Artagnan.

Com uma gratificação dada pelo rei, D' Artagnan patrocinou uma festa na casa de Porthos por ser mais ampla e adequada que a sua.

Contratou um criado, Planchet, para servir as iguarias e as bebidas.

Depois da festa, Planchet ficou como criado permanente de D'Artagnan. Não era mau sujeito, mas estava sempre mal-humorado, principalmente quando o dinheiro de seu patrão escasseava. Era es perto e criativo e sempre dava um jeito para terem o que comer.

Quando finalmente D'Artagnan envergou o uniforme dos cadetes da Companhia de Guardas Reais, a situação estava realmente difícil

para os quatro. Não havia mais um níquel em suas bolsas e as fontes de empréstimos e vales haviam se esgotado.

Uma noite, depois de uma ceia rala, D'Artagnan ouviu fortes batidas na porta. Planchet foi atender e um desconhecido lhe pediu para falar com o jovem gascão. Depois de entrar, e tendo-se acomodado à mesa da sala com D'Artagnan, o homem esclareceu:

- Tenho ouvido as melhores informações a seu respeito. Sei que é um fidalgo honrado e com muita coragem. É justamente do senhor que preciso para resolver o grande problema que me surgiu. - O homem estava bastante nervoso e falava sussurrando, como se temesse ser ouvido através das paredes.

- Em que posso servi-lo, senhor? - perguntou D'Artagnan, sem imaginar de que forma poderia ajudar aquele estranho.

- Meu nome é Bonacieux. Sou comerciante e tenho uma casa de fazendas próximo daqui. Minha mulher é costureira. Trabalha para o Sr. de La Porte, de quem é afilhada, e esse mesmo senhor é um dos conselheiros de Sua Majestade.

- Continue - disse o jovem, já mais interessado.

- Minha esposa, por indicação do Sr. de La Porte, foi servir como dama de companhia da nossa rainha. Como é natural no palácio real ficava sabendo de todas as intrigas entre os nobres. E, assim, minha mulher tomou conhecimento de que a rainha anda muito assustada.

- Assustada, a rainha? Por quê?

- Alguém escreveu uma carta ao Duque de Buckingham em nome da rainha para que ele viesse a Paris ao seu encontro. Minha mulher ficou sabendo da cilada e por isso foi raptada. Faz três dias

que não aparece e ontem recebi um bilhete seu recomendando que não a procure para nosso próprio bem.

- História complicada! - D'Artagnan estava cada vez mais interessado. - O que o Duque de Buckingham, que é inglês, viria fazer em Paris se as relações de sua pátria com a França estão tão ruins?

Estamos praticamente em guerra...

- Esse é o problema. O intriguista Cardeal Richelieu quer fazer crer ao rei que a rainha é amante do Duque de Buckingham e traidora da pátria. Um absurdo, mas se houver um encontro entre ambos, ainda que inocente, servirá de prova para o esposo real. Seria uma desgraça para o reino.

- Por quê?

- Porque a influência do Cardeal sobre o trono passaria a ser imensa.

- E qual seria minha atuação nisso tudo?

- Procurar e encontrar minha esposa, se isso for possível. Resgatá-la e salva! - O homem estava com lágrimas nos olhos. - Pagarei por isso, senhor.

- Muito bem. Farei o possível. Quanto ao pagamento...

- Não lhe cobrarei o aluguel por três meses e lhe darei uma ajuda de custo substancial.

- Bem que seu nome me pareceu conhecido! Então o senhor é o dono deste lugar?

Bonacieux acenou com a cabeça.

- Parto agora - disse, levantando-se e encaminhando-se para a saída.

- O senhor deve tomar muito cuidado. Tenho a impressão de que estou sendo vigiado.

Quando abriu a porta, o homem ficou gelado. Do outro lado da rua, um sujeito meio embrulhado numa capa olhava fixamente para a casa.

- Olhe lá. Aquele sujeito vem me seguindo por onde quer que eu vá.

D'Artagnan viu um homem que reconheceu de imediato.

- Meu inimigo de Meung! - em três pulos alcançou a rua, mas o soturno indivíduo já havia desaparecido nas sombras.

Richeiieu, em sua política externa, combatia a Casa d'Áustria, que ameaçava a ascensão da França

na diplomacia internacional. As hostilidades entre o ministro e a rainha Ana d'Áustria, esposa de

Luís XIII, foram uma constante naquele período.

A senhora Bonacieux

De volta a casa, depois de uma busca infrutífera por todos os cantos escuros do bairro, o jovem encontrou à sua espera os três amigos mosqueteiros. Diante de algumas garrafas de vinho, contou com todos os detalhes seu encontro com o Sr. de Bonacieux, o rapto da esposa e a estranha história envolvendo a rainha e o Duque de Buckingham.

- De tudo isso que nos conta, a melhor parte é a do aluguel gratuito e do bom vinho pago por seu senhorio! - comentou Pormos, enquanto sorvia uma grande taça de vinho. - Quanto ao resto, não

acredito que essa mulher raptada tenha alguma ligação com a nossa querida rainha, nem que o duque inglês tenha a coragem de vir clandestinamente a Paris.

Os outros concordaram, acenando a cabeça com gravidade.

Depois de discutirem o caso mais detalhadamente, os três mosqueteiros resolveram ficar de guarda, escondidos na casa de D'Artagnan, que era anexa à de Bonacieux. Tinham esperança de que a mulher voltasse ou alguém tentasse contato com o marido. Era também possível que ela lhe mandasse uma mensagem.

D' Artagnan ficou de vigia, em um lugar de onde tinha ampla visão da entrada e do pátio fronteiro à casa. Cedo ou tarde, alguém haveria de fazer contato. Com isso, teriam uma pista para chegar aos raptos e, caso existissem, aos conspiradores.

No final do segundo dia, depois de uma vigília longa e monó

tona, D'Artagnan viu o Sr. de Bonacieux chegando a casa visivelmente assustado. No momento seguinte, quatro guardas do Cardeal saltaram sobre o comerciante. Antes que ele pudesse ter qualquer reação, jogaram-no dentro de uma carruagem, açoitaram os cavalos e sumiram na escuridão. Foi uma ação tão rápida que mal deu tempo de D'Artagnan chegar até a rua. Era impossível seguir a pé o rápido veículo e, blasfemando, furioso, o gascão voltou para casa ainda pensando no que fazer.

Os policiais chegaram logo depois e, silenciosamente, se meteram dentro da casa de Bonacieux com o visível intuito de esperar e prender quem mais ali chegasse. Era evidente que obedeciam a ordens do Cardeal e, D'Artagnan constatou pelos movimentos, ainda não tinham encontrado o que procuravam. Talvez andassem atrás da senhora Bonacieux.

Depois de trocar ideias com os amigos, D'Artagnan resolveu continuar vigiando a casa, enquanto os mosqueteiros avisavam o Sr.

de Tréville sobre a prisão de Bonacieux e se informavam sobre as providências para localizá-lo.

Na madrugada seguinte, quando Planchet vigiava, uma mulher envolta em uma longa capa aproximou-se da casa de Bonacieux e tentou abrir a porta. Imediatamente os policiais saltaram sobre ela e arrastaram-na para o interior da residência. Planchet sacudiu D'Artagnan, que dormia sobre um sofá, completamente vestido e armado.

Mal soube o que havia acontecido, empunhou a espada e abriu a porta, resolutamente.

- Não faça isso! - sussurrou o criado. - Eles são quatro e vão matá-lo!

- Silêncio! - murmurou o gascão enquanto alcançava, ágil como um gato, o meio da rua.

Em seguida, bateu com o punho da espada na porta de Bonacieux. Um ruído de passos, o rangido da porta girando nos gonzos e D'Artagnan entrou na sala escura. Logo se travou uma batalha em que o entrecocar do aço, gemidos de dor e gritos de raiva formavam uma terrível orquestração. Era um furacão que varria o interior da casa.

De repente, quatro vultos negros saltaram para a rua e dispararam como se fossem perseguidos por mil demónios. D'Artagnan, como um anjo vingador, ainda brandia a espada, como se pudesse alcançar os inimigos.

De volta à casa do comerciante, encontrou a mulher estendida sobre um sofá, respirando agitada e arrumando as roupas desalinhas. A jovem mulher suspirou profundamente e disse-lhe, com voz ainda alterada pelo susto, porém bastante melodiosa aos ouvidos de D'Artagnan:

- Devo-lhe a vida. Eu lhe serei sempre muito grata pelo gesto corajoso em defesa de uma mulher em perigo.

- Nada me deve, senhora. Qualquer cavalheiro, em meu lugar, teria feito a mesma coisa.

Já mais calma, a mulher esclareceu:

- Sou Constance, a senhora Bonacieux, e moro aqui. Pensei encontrar meu marido e não aqueles bandidos. - Olhando em volta, entre surpresa e assustada, perguntou: - Onde está meu marido? Quem são esses homens que invadem casas e atacam mulheres indefesas?

- Aqueles homens eram agentes do Cardeal Richelieu e certamente queriam prendê-la. Quanto ao seu marido, o Sr. Bonacieux, foi preso ontem também por guardas do Cardeal. Descobrimos que foi levado para a Bastilha.

- Preso? Mas o que fez ele?

- Acho que foi pelo fato de ser seu marido. Pelo que ele me contou quando me pediu para encontrá-la...

- Meu marido soube do rapto?

- Alguém lhe enviou um bilhete anónimo.

- E ele sabe por que motivo me raptaram?

- Acredita ser intriga política. Mas agora o melhor a fazer, senhora, é sair daqui antes que os guardas voltem com reforços. A senhora tem algum lugar onde possa esconder-se?

A mulher fez um gesto negativo.

- Aqui não posso ficar, nem voltar para o palácio. Não tenho para onde ir.

- Vou levá-la para a casa de um amigo de absoluta confiança. Lá estará segura.

D'Artagnan levou a mulher até a casa de Athos e, embora este não estivesse, sabia onde escondia a chave. Depois de acomodar a jovem senhora, aceitou levar uma mensagem para o Sr. de La Porte no palácio real. O conselheiro foi assim informado sobre os últimos acontecimentos envolvendo a afilhada.

- Obrigado, meu jovem amigo - disse-lhe o Sr. de La Porte. -

Bastilha: fortaleza construída em Paris em 1370 e transformada por Richelieu em presídio polí

tico. Era destinada especialmente a nobres e letrados, que aí eram encarcerados e torturados.

Foi destruída em 1789, durante a Revolução Francesa.

O prisioneiro da Bastilha

Numa cela escura, o Sr. Bonacieux choramingava, imaginando o que teria acontecido à sua mulher e que horrível destino ele teria nas mãos dos cruéis agentes do Cardeal. Depois de dois dias e duas noites jogado no chão frio e úmido de uma cela escondida nos porões da prisão, seus pensamentos eram sinistros. Ainda não havia sido interrogado, mas, pêlos gritos e sons que ouvia constantemente, não esperava nada de bom de seus raptos.

No terceiro dia, foi tirado da cela e escoltado até a sala de interrogatórios. Ali respondeu a algumas perguntas e, depois de algemado, foi conduzido até uma carroça, usada geralmente para levar os condenados à forca. Bonacieux ficou apavorado. Certamente iriam matá-lo! O veículo seguiu até parar diante de um prédio velho e imponente. Logo o infeliz foi empurrado para uma ampla e luxuosa sala e colocado frente a um homem que, a

princípio, imaginou ser um magistrado. Depois de um certo tempo, observou melhor o homem que iria interrogá-lo e seu sangue gelou nas veias.

A veste púrpura, o grande crucifixo pendendo de uma corrente de ouro, os dois padres lhe servindo de secretários. Não havia dúvidas.

Era o Cardeal Richelieu.

Com um gesto autoritário, o Cardeal fez saírem seus auxilia

- Sabe que sua mulher foi raptada, depois conseguiu fugir e agora está sumida? - Uma leve irritação começou a transparecer na voz do Cardeal.

- Recebi um bilhete anônimo dizendo que tinha sido raptada, mas não sei se conseguiu fugir. Afinal, estou preso há três dias sem saber nada do mundo.

- Quer dizer que não sabe onde está sua mulher? - A raiva deixava a voz do ministro fria como gelo.

- Como poderia saber, Eminência? Estou preso. Nesse instante, um dos secretários entrou silenciosamente e cochichou algumas palavras no ouvido do Cardeal, que fez um sinal afirmativo. Logo entrou um homem nobremente vestido que, depois de inclinar a cabeça, disse simplesmente:

- A rainha e o duque tiveram um encontro. O Cardeal reagiu com um gesto de surpresa.

- Onde?

- No palácio.

- Tem certeza?

- Absoluta. Infelizmente a informação chegou tarde demais para aprisionar o duque.

O Cardeal deu um sorriso e respondeu quase alegre.

- Isso não tem importância. Agora tenho tudo sob controle. Pode retirar-se e obrigado pelos bons serviços.

Bonacieux ficou outra vez sozinho diante do ministro, esperando que o interrogatório continuasse.

O Cardeal escreveu alguma coisa em uma folha de papel e depois, como se tivesse se lembrado da presença do outro, disse:

- O senhor é um bom cidadão. Espero que não guarde mágoas pelo tratamento recebido, mas infelizmente temos de zelar pela justiça.

O senhor está livre. Pode retirar-se.

Bonacieux quase desmaiou de emoção. Tentou dar um passo, mas não conseguia mover as pernas. O Cardeal levantou-se e ofereceu a mão para que fosse beijada.

O comerciante inclinou a cabeça e, trémulo, conseguiu aproximar os lábios da mão do grande homem. Depois, com passos incertos, saiu da sala e alcançou a rua. Estava tão agitado que teve de escorar-se na parede e respirar profundamente até recobrar o controle do corpo.

"O Cardeal, além de me dar a liberdade, ainda permitiu que beijasse sua mão! E declarou que sou inocente e um bom cidadão.

Quanta felicidade, meu Deus!"

Assim que o Cardeal ficou só, fez tilintar uma campainha. Logo a porta se abriu e entrou o mesmo senhor que lhe havia dado as informações sobre o encontro entre a rainha e o duque.

- E esse tal Bonacieux? Soltou-o? - perguntou.

- É claro. De hoje em diante estará a nosso serviço. Espionará a mulher para nós.

Richelieu escreveu uma carta, fechou-a num envelope e colocou seu selo para evitar que fosse violada. Entregando-a ao homem, que, à sua frente, esperava em silêncio, recomendou:

- Entregue esta mensagem a Vitray. Ele deve partir imediatamente para Londres e entregá-la ao destinatário, cujo nome está no envelope. Quero segredo, urgência e discrição absoluta.

O homem inclinou-se e saiu da sala.

O Cardeal Richelieu tinha um enorme poder sobre a França e uma rede de espiões que o informava de tudo o que acontecia não só dentro do palácio real como em qualquer lugar onde tivesse interesse.

Agora pensava seriamente em aumentar esse poder subterrâneo que lhe permitia ter quase tanta força quanto o próprio Luís XIII.

O rei e o Cardeal

O rei estava em sua sala de audiências, visivelmente entediado com os inúmeros problemas do reino e os pedidos e reclamações de seus súditos. Rodeado de assessores e cortesãos das províncias próximas, o maior desejo do enfadado soberano era acabar logo com aquilo e retirar-se para o sossego de seus aposentos.

Depois de atender a todos, viu entrar o Cardeal Richelieu, que tinha o privilégio de poder ser recebido sem anunciar-se. O rei suspirou, desolado. Sempre que o ministro aparecia, era certo que algum grave problema o acompanhava.

- Bem-vindo, senhor ministro - saudou o rei na vã esperança de que pudesse escapar sem mais um incômodo.

O Cardeal fez uma breve inclinação e respondeu com a voz mais suave possível:

- Que Deus proteja Vossa Majestade. Um leve aceno da mão real fez com que todos se retirassem silenciosamente. O grande salão ficou sendo somente dos dois.

- Que boa nova me traz, meu fiel ministro? - perguntou o rei, já certo de que teria uma longa e enfadonha audiência.

- Permita que o informe de algo bastante grave. Acredito que Vossa Majestade ainda não saiba que o Duque de Buckingham esteve em Paris, onde permaneceu por cinco dias.

O rei empalideceu subitamente. Logo um rubor subiu-lhe pelas faces como se tivesse feito um violento exercício físico.

- O Duque de Buckingham em Paris? O que o trouxe aqui? - perguntou, com a voz um tanto rouca.

- Veio conspirar contra Vossa Majestade, certamente.

- Pior que isso, Eminência. Veio conspirar contra minha honra. -O rei estava desolado.

- Não creio, Majestade. A rainha não se arriscaria a um encontro secreto com um representante de uma nação com a qual estamos praticamente em guerra! - O Cardeal gostava de fazer o rei lembrar-se de que as hostilidades com a Inglaterra poderiam irromper a qualquer momento. - Além disso, a rainha ama-o sinceramente e nada faria para magoá-lo - afirmou com voz consoladora.

- Toda mulher é frágil e se impressiona com facilidade - mur murou o rei.

- É possível: mas continuo a insistir que o duque conspira contra a França. Sua vinda tem motivos políticos; não sentimentais.

- Não sei o que pensar! - exclamou o rei.

- Temos de poupar a rainha. Seria uma crueldade molestá-la com esse problema.

O Cardeal fazia ares de preocupação com o bem-estar da rainha mas, na verdade, seu intento era conduzir as suspeitas do rei para a área política.

- Já não acredito em nada nem em ninguém. - O rei se ergueu, nervoso. - Sinto que a traição se esconde em cada canto da França.

Todos conspiram contra mim. Até minha real esposa! -Luís XIII estava cada vez mais furioso, o que agradava muito ao Cardeal.

- A augusta esposa de Vossa Majestade é Ana d'Áustria, rainha da França e a mais poderosa princesa do mundo. Por que haveria de manter conversações com um inimigo que só pensa em trazer a derrota para nossa pátria?

- Quanto maior o título, maior a responsabilidade atribuída a uma pessoa! Se a própria rainha trair seu reino, o que esperar dos outros súditos? - perguntou o rei, gesticulando nervosamente.

- Mas Alteza - respondeu o Cardeal com voz mansa - se a rainha conspira, coisa em que não acredito, é contra o rei e não contra o reino.

- Isso dá no mesmo! - exclamou o rei, vermelho de raiva. -Quero que seja vigiada. Ela e esse perigoso duque que anda pela França

como se fosse o quintal de sua casa. Pelo menos posso contar com isso.

Eminência?

- É claro, Majestade. Haveremos de ter um completo controle sobre tudo que Alga respeito à segurança de nossa terra. Mas vigiar a rainha é algo que não posso fazer. Ela se oporá.

- Mesmo com a ordem vinda do rei? - exclamou o soberano.

- Ela não sabe disso.

- Tratarei de fazer com que fique sabendo. Quero a mais severa vigilância sobre todos os passos não só de minha esposa como de todos os que a servem.

Um sorriso de vitória iluminou o rosto do Cardeal.

- Assim será feito. Como ordena Vossa Majestade.

O colar de diamantes

A rainha Ana d'Áustria, esposa de Luís XIII, era uma jovem bela e melancólica. Vivia naquele imenso palácio do Louvre quase como se estivesse no exílio. Não podia passear, viajar ou mesmo organizar reuniões com pessoas jovens e alegres. Sua única diversão, e assim mesmo bastante rara, eram os bailes que o rei promovia, quando estava de bom humor.

Os bailes deveriam sempre ter a aprovação do Cardeal, o qual estabelecia um dia que não afrontasse os dogmas da Igreja. Com isso, na realidade, quem decidia quando a festa deveria acontecer era o Ministro Richelieu.

O rei, por ocasião da celebração de suas bodas, havia presenteado a rainha com um rico colar de diamantes, com doze pedras exata

mente iguais, como gotas de água. Era uma jóia rara e muito original.

Num momento de completa imprudência, a rainha deu esse colar ao Duque de Buckingham. Esse fato poderia até ser explicado, já que ambos tinham laços de parentesco. O Cardeal, que tudo sabia e tudo controlava, tratou de fazer crer entre os pares de França que era um presente trocado entre amantes. Se o rei soubesse disso, seria a desgraça da rainha.

Com a mente perversa, que sabia usar magistralmente, o Cardeal, após a audiência em que o rei lhe pedira para vigiar a rainha, sugeriu que se realizasse um baile de máscaras, como era costume na época, dali a doze dias, espaço de tempo suficiente para receber algumas informações de Londres, onde mantinha uma fiel colaboradora.

Insidiosamente sugeriu ao rei que a rainha usasse o colar de diamantes de tão grande beleza. Com isso, pretendia selar a sorte da rainha pois, sem o colar, ficaria provada a traição e o adultério.

Afastada a rainha, o Cardeal seria o único a aconselhar o rei. Seu poder seria absoluto.

Alguns dias depois, o rei entrou nos aposentos da rainha. Aparentando estar satisfeito com a vida, saudou-a afetuosamente e anunciou:

- Mandei que se realize um baile para toda a corte. Espero que isso a deixe feliz.

- Um baile, Majestade? - ela sorriu alegremente. - Que bom! Claro que fico muito feliz.

- Peço-lhe que compareça fantasiada, não poupando esforços para ser a mais deslumbrante de todas as damas. Ah, gostaria que usasse o colar de diamantes com o qual a presenteei.

A rainha empalideceu. O terror lhe gelou o sangue. Sem poder articular qualquer palavra, ficou olhando o rei sair tranquilamente da sala, depois de uma rápida mesura.

A rainha sentiu-se perdida. O Cardeal tramara tudo e certamente haveria de desgraçá-la diante do rei. Não tinha salvação.

Aterrorizada, recolheu-se a seu quarto. Jogou-se sobre o leito e irrompeu num longo e soluçado choro.

A Sra. Bonacieux entrou nesse momento e aproximou-se da rainha.

- Senhora, por que está chorando assim tão desconsoladamente?

- Estou perdida, minha cara. Perdida.

- Se me achar digna de sua confiança, conte-me o que se passa.

Talvez possa ajudá-la. - A Sra. Bonacieux gostava muito da rainha e, certamente, se empenharia em ajudá-la.

A rainha suspirou, desconsolada. Precisava desesperadamente confiar em alguém. Sua camareira dera muitas provas de lealdade, mas não teria forças nem poder suficientes para salvá-la.

- Preciso de alguém forte e corajoso para levar adiante uma missão urgente. Do sucesso dessa missão depende minha honra e minha vida! - Agarrando convulsivamente

as mãos da Sra. Bonacieux, perguntou: - Conhece alguém assim?

A camareira lembrou-se de seu marido, mas, no mesmo instante, afastou essa ideia, pois ele andava muito diferente desde que fora preso, dizendo-se amigo do Cardeal.

- Diga-me, conhece alguém que seja tão fiel a ponto de arriscar a própria vida por sua rainha?

- Eu mesma, minha rainha, morrerei se for preciso...
 - Não! Não! Precisamos de um homem jovem, forte e decidido! A Sra. Bonacieux não demorou para achar a resposta.
 - Tenho a solução. Pelo menos assim acredito. Conheço um jovem fidalgo que tem todas essas virtudes.
 - E ele levaria uma carta minha até Londres sem perguntas?
 - Creio que sim, Majestade. Escreva a carta que tratarei tudo com ele.
 - Quem é esse tão nobre cavalheiro?
 - É um jovem gascão chamado D' Artagnan. Pode confiar nele. Me deu provas de ser um fidalgo incorruptível.
 - Já ouvi falar dele. Parece-me jovem demais e um tanto estabonado.
 - Não se preocupe. Ele se incumbirá da tarefa com toda a discrição. Ele não precisará saber quem está enviando a mensagem. Dessa forma, Vossa
- Majestade estará segura.
- Assim mesmo, se for interceptado, estarei perdida.
 - Ele defenderá sua carta com a própria vida.
 - Estou nas mãos de Deus e desse valente mensageiro. Se tudo sair bem, salvará a vida e a honra de sua rainha.

Rapidamente a rainha escreveu uma carta e selou-a com seu brasão pessoal. Depois recomendou que D'Artagnan deveria trazer de Londres uma encomenda e entregá-la em

suas próprias mãos quando, então, seria regamente gratificado.

E foi assim que o jovem gascão recém-chegado a Paris começou a viver suas mais incríveis aventuras, justamente a serviço da rainha.

A serviço da rainha

A primeira providência de D'Artagnan foi conseguir uma licença de quinze dias da Guarda Real. Quando o Sr. de Tréville soube que o jovem deveria ir até Londres com uma mensagem muito importante, sentiu que era uma missão perigosa. Embora, por prudência e respeito, não quisesse saber do que se tratava, aconselhou-o a levar em sua companhia os já

inseparáveis amigos mosqueteiros. Para tanto, também os licenciou por quinze dias. O pretexto era acompanhar Amos, que ainda convalescia dos ferimentos, até uma estação de tratamento na costa do Canal da Mancha.

Após fazerem os planos de viagem, munidos com uma bolsa bem suprida de dinheiro fornecida pela Sra. Bonacieux e cavalos fortes e rápidos, resolveram partir o mais cedo possível, já que o tempo era escasso.

Como se tratava de uma longa cavalgada, em que certamente precisariam dos serviços de seus pajens, resolveram que eles os acompanhariam. Assim, Grimaud, Planchet, Mosqueton e Bazin, empregados respectivamente de Athos, D'Artagnan, Pormos e Aramis, seguiram seus senhores, cada um montado num cavalo de bom porte.

O Cardeal Richelieu, que não deixava nada ao acaso, previu a possibilidade de alguém tentar atrapalhar seus planos chegando a Londres e alertando o duque. Para tanto, preparou várias armadilhas ao longo do trajeto, que haveriam de impedir a passagem a qualquer mensageiro que a rainha enviasse à Inglaterra.

Às duas da madrugada, os aventureiros partiram, saindo furtivamente de Paris. Cavalgaram em silêncio até que os primeiros sinais da aurora começaram a pintar o céu no nascente.

A meio da manhã chegaram a Chantilly e procuraram uma estalagem para matar a fome e dar um descanso aos animais.

Terminada a refeição, já se preparavam para reiniciar a viagem quando um homem, sentado numa mesa próxima e dando sinais de embriaguez, gritou:

- Um brinde ao Cardeal Richelieu, o maior homem da França!

Porthos, que havia ficado para trás, disse que faria isso se o rei também fosse homenageado.

- Não há outro rei além do Cardeal! - gritou o desconhecido, arrancando a espada.

Já na porta, D'Artagnan gritou para o amigo:

- Deixe disso ou mate logo o homem, que temos pressa!

- Já os alcanço! - respondeu Porthos, enquanto se preparava para cruzar espadas.

Duas horas depois, já na cidade de Beauvais, esperaram Porthos por algum tempo mas, como ele não apareceu, resolveram prosseguir.

Em Calais haveriam de se juntar novamente.

Pouco mais de duas léguas além de Beauvais, depois de alcançar um pequeno bosque, encontraram vários trabalhadores tapando alguns buracos no leito da estrada. Aramis, na frente, esperou que os homens se afastassem para que pudessem prosseguir. Isso não aconteceu e, quando o mosqueteiro gritou por passagem, os

homens saltaram para a margem da estrada e pegaram vários mosquetes que ali tinham escondidos. Uma saraivada de balas pegou os desprevenidos viajantes.

Aramis, por estar mais próximo, recebeu uma bala no ombro e o criado de Porthos, Mosqueton, caiu do cavalo com um ferimento no traseiro.

- É uma emboscada! - gritou D'Artagnan. - Partamos! Rápido!

Em meio a uma grande confusão, dispararam pela estrada a galope, acompanhados do cavalo de Mosqueton que, mesmo sem o cavaleiro, desembestou assustado.

Galoparam por mais um longo percurso até Aramis gritar que não aguentava mais. Realmente o ferimento, embora não fosse muito grave, sangrava bastante e enfraquecia o mosqueteiro.

Resolveram encaminhar-se para uma estalagem que sabiam existir não muito longe dali, onde deixariam o ferido. Aramis ficou com seu fiel criado Bazin. Assim que fosse possível, voltariam a Paris.

Novamente em marcha, agora reduzidos a D' Artagnan e Amos com seus respectivos criados, trataram de evitar todo e qualquer lugar ou pessoas que pudessem resultar noutra armadilha.

Já era noite quando alcançaram Amiens. Estavam extenuados e os cavalos mal se mantinham em pé. Na margem da estrada, avistaram uma estalagem onde poderiam pernoitar.

O estalajadeiro era muito atencioso e simpático. Parecia pre ocupado com o bem-estar dos viajantes e insistiu para que ocupassem dois confortáveis quartos. Mas os dois, já bastante curtidos com os últimos acontecimentos, resolveram dormir numa sala anexa à cozinha e com saída pêlos fundos. Os dois empregados dormiram num monte de palhas na cavalaria, junto de suas montarias. Assim vigiavam os cavalos e quem porventura chegasse

fora de hora. A noite transcorreu sem novidades e, pela manhã, depois de uma rápida refeição e já com os animais prontos para partir, Athos foi pagar a conta.

O estalajadeiro, assim que pegou as moedas, começou a gritar, furioso:

- Esse dinheiro é falso! Socorro! Ladrões! Quatro homens armados de espadas e mosquetes irromperam de uma sala ao lado. Eram guardas do Cardeal.

- Corra, D'Artagnan! - gritou Athos, disparando dois tiros de pistola.

D'Artagnan pressentiu imediatamente que era outra armadilha preparada pelo Cardeal. De um salto montou em seu cavalo e gritou para Athos, que abatera dois guardas e já enfrentava os dois restantes:

- Agente firme, meu amigo! Eu prossigo em minha missão! - e, esporeando o cavalo, tomou a estrada, seguido por seu criado Planchet.

Logo estavam longe das garras dos esbirros do Cardeal.

Chegaram ao porto de Calais ao entardecer. Como os animais estavam estafados, apearam junto de umas árvores num lugar mais ou menos oculto, onde poderiam deixá-los. Enquanto Planchet cuidava da montaria, D'Artagnan dirigiu-se ao porto e procurou pelo comandante de um barco que estava prestes a partir para a Inglaterra.

- Ninguém pode embarcar sem uma ordem expressa e pessoal do Cardeal Richelieu - avisou o homem enquanto examinava atentamente o jovem fidalgo.

- Meu criado está com a permissão. Estou esperando-o - respondeu D'Artagnan quase sem pensar.

Na verdade, aquela exigência fora uma surpresa muito desagradável. D'Artagnan ficou inquieto. Não esperava por essa providência do astuto ministro.

Sentado num banco, junto ao cais, observava o movimento do porto, enquanto procurava uma solução para o novo problema.

Planchet chegou nesse momento e disse em voz baixa:

- Na estalagem, perto de onde deixamos os cavalos, ouvi um senhor comentar com o estalajadeiro que está pronto para embarcar mas que só pode viajar quem tiver uma autorização especial...

- É verdade. Acabei de ser informado pelo comandante daquele barco.

- Escute, meu amo... Ele tem a permissão. Não seria o caso de convencê-lo a nos dar esse documento? - Um sorriso malicioso espalhou-se pela cara do criado.

- Parece-me que você está ficando bastante esperto, meu caro!

Vamos lá! Talvez esse fidalgo não tenha tanta pressa em fazer a travessia.

- E se tiver? E se não quiser nos entregar o passe?

- Bem, para tudo sempre há uma solução. Nós estamos buscando a nossa.

Rapidamente ambos andaram até um lugar meio deserto, no caminho do porto, onde obrigatoriamente os viajantes haveriam de passar. Depois de poucos minutos de espera, apareceu o homem, seguido de seu criado, que carregava uma mala.

D'Artagnan postou-se no meio do caminho e esperou. Diante do homem, perguntou:

- Senhor, sinto interromper seu caminho, mas preciso urgentemente de seu passe de viagem. É uma questão de vida ou morte.

Surpreso, o outro recuou um passo e segurou o punho da espada.

- Tenho pressa. É melhor sair do caminho. Não terá meu passe. O

jovem gascão não tinha tempo para argumentar. Deu um salto e com um violento murro derrubou o infeliz, que caiu sem soltar um gemido.

Olhando em volta viu, admirado, que Planchet dominava o criado do outro, tapando-lhe a boca e evitando que gritasse por socorro.

Ambos foram amarrados fortemente e arrastados para o meio dos arbustos, onde ficariam ocultos pelo menos durante o tempo necessário para o embarque dos dois.

Depois de examinar os papéis e decorar o nome do antigo dono do salvo-conduto e de seu criado, D'Artagnan apresentou-se alegremente diante do comandante do barco.

Levou uma noite inteira para completar a travessia. De Dover a Londres viajaram numa carruagem que fazia regularmente essa linha.

Foi fácil D'Artagnan ser recebido pelo Duque de Buckingham quando disse que vinha da França com uma mensagem urgente. De posse da carta, o ministro inglês tomou as providências que achou necessárias.

Agradeceu a coragem e lealdade do jovem gascão e prometeu-lhe não só sua irrestrita amizade como o reconhecimento por parte da rainha da França.

Logo D'Artagnan era colocado num barco de volta para o continente.

Conseguiu cumprir a viagem dentro do prazo estabelecido, embora houvesse deixado pelo caminho seus companheiros de aventuras.

A primeira etapa da missão estava cumprida.

O grande baile de máscaras

O assunto do dia, em toda Paris, era o baile que se realizaria dentro de três dias. Os preparativos eram intensos e parecia que ninguém tinha outro pensamento ou preocupação senão contribuir para o sucesso do grande acontecimento. No palácio, o rei continuava taciturno e imaginando as razões de seu ministro Richelieu ter se empenhado tanto naquele baile. A corte se preparava com a pompa que só um grande evento merecia.

Nesse meio tempo, D'Artagnan galopava de Calais em direção a Paris, só parando para breves descansos e para a troca de montaria. A fim de que a viagem fosse rápida e sem interrupções, o Duque de Buckingham havia preparado a troca de cavalos em lugares previamente estabelecidos, nos quais, com a simples menção de uma senha, os animais lhes seriam entregues, prontos para montar. Com isso o jovem conseguiria alcançar os portões do palácio real com bastante antecedência em relação ao prazo fatal.

Na noite do baile, ainda antes do entardecer, já o palácio estava preparado para receber as centenas de convidados que, certamente, não deixariam de comparecer a tão grande acontecimento social. Os nobres que receberam convites, além de se sentirem honrados pela deferência real, sabiam que era uma ofensa grave deixar de atender aos desejos do rei. Por isso, faziam o máximo esforço para estarem tão ricamente vestidos quanto merecia essa data.

Antes da meia-noite, os convidados ocupavam seus lugares no amplo salão iluminado por milhares de velas. No lugar destinado ao casal real e a seus mais chegados cortesãos, estava um trono ladeado por mesas e poltronas, esplendidamente adornados com centenas de buquês de flores.

Luís XIII chegou e, fazendo breves cumprimentos enquanto passava, instalou-se no trono. A seu lado sentaram-se o Cardeal Richelieu, o duque de Oriéans, o duque de Longueville, o governador da Normandia e outros tantos fidalgos ilustres.

Sua Majestade não parecia estar de bom humor e olhava, um tanto dissimuladamente, para a porta por onde deveria entrar a rainha.

Richelieu, como que por acaso, lembrou ao rei:

- Esperemos que a beleza da rainha esteja realçada pelo esplêndido colar com que Vossa Majestade a presenteou...

- Se ela não comparecer com esse maldito colar, receberá todo o peso de minhas suspeitas. Mas, se o estiver usando, quem terá de me dar convincentes explicações será meu ministro - sua voz demonstrava uma raiva contida.

- Ora, Majestade, minha explicação pode ser antecipada. -Depois de um silêncio calculado, disse: - Meu conselho para que sua real esposa usasse esse colar tinha o simples objetivo de realçar a grande beleza da rainha, fazê-la, enfim, sobressair-se magnificamente entre todas as outras mulheres da corte.

- Meu ministro tem a inteligência mais sólida do reino e a palavra fluida como azougue.

- Bondade de Vossa Sereníssima. - O Cardeal achou melhor encerrar a palestra antes que o rei ficasse ainda mais inquieto. Fez lizmente, o arauto anunciou a entrada da rainha e um grande silêncio tomou conta do salão.

Quando os olhos do Cardeal caíram sobre o colo da rainha, um sorriso triunfante iluminou-lhe o rosto. Por sua vez, uma palidez mortal cobriu as faces do rei.

A rainha não estava usando seu colar de diamantes.

Alguns minutos depois, Luís XIII, acompanhado do Cardeal, aproximou-se da rainha e perguntou com uma voz que tentava ser suave:

- Permita-me perguntar-lhe, senhora: por que não está usando o colar de diamantes que me prometeu para esta noite?

Ana d'Áustria levou a mão ao peito e, olhando em volta como se receosa de ser ouvida, falou quase num sussurro:

- Tive medo de perdê-lo. No meio desta multidão, isso não seria difícil de acontecer.

O rei estava rubro de cólera, mas ainda tentava conter a voz:

- Se a presenteei com o colar, foi justamente para que o exibisse diante das multidões. Isso me aborrece.

- Não pensei que fosse tão importante para meu real marido!

Mandarei buscá-lo imediatamente.

- Faça-o, senhora. Quero que o esteja usando em nossa primeira dança. - Num gesto brusco, virou-se e saiu acompanhado do ministro, que ria intimamente imaginando o tamanho do abalo que sofreria o trono da França quando a rainha surgisse sem o seu colar.

A rainha, por sua vez, dirigiu-se ao quarto destinado à troca de roupas e retoques da maquiagem, de onde sumiu com passos tranquilos.

Quando os primeiros acordes de duzentos violinos anunciaram o início das danças, a rainha apareceu deslumbrante em seu rico vestido de noite e o cintilante colar de diamantes enfeitando seu colo nu. Era, sem qualquer dúvida, a mulher mais linda do reino.

O rei apressou-se a estender as mãos para sua esposa.

- Agradeço-lhe por haver atendido meu pedido, minha bela esposa. Creio que agora tudo está bem. - E, voltando-se para o Cardeal, que, de tão surpreso, não podia articular sequer uma palavra, disse com voz gelada e entrecortada: - Quanto ao meu prezado ministro, espero-o amanhã para uma audiência matinal com as devidas explicações para tão conspirativos conselhos.

Richelieu, dissimulando sua raiva, fez uma inclinação com a cabeça e retirou-se. - Vamos, minha esposa, faço absoluta questão de desfrutar o prazer desta dança.

Com um sorriso vitorioso, Ana d'Áustria fez um gentil aceno afirmativo e foi conduzida pelo marido para o centro do grande salão.

Depois de dias de angústia e desespero, a vitória contra o insidioso ministro tinha o sabor de um sonho realizado.

D'Artagnan, junto do Sr. de Tréville, contou as últimas aventuras por que passara e informou ao comandante dos mosqueteiros que se havia extraviado dos amigos durante o trajeto até Calais, não sabendo onde se encontravam.

- Se estiverem vivos, cedo ou tarde entrarão em contato -disse o Sr. de Tréville com tranquilidade. - Como não recebi nenhuma notícia de mosqueteiros mortos, acredito que estejam se embriagando em alguma estalagem de má fama.

D'Artagnan não se iludiu com o tom despreocupado do velho capitão. Suas palavras, no fundo, denotavam preocupação por seus comandados.

- Senhor, penso em refazer o caminho até Calais para encontrá-los.

Acredito que ainda estejam nos mesmos lugares onde os deixei, embora impossibilitados de voltar.

- Acho que é isso mesmo que deve fazer, meu jovem. E, depois de sua atuação no caso do colar da rainha, o Cardeal não vai descansar enquanto não conseguir matá-lo. O melhor é sumir da cidade por algum tempo. Pelo menos até que possamos ficar sob a proteção do rei.

- Minha prioridade é encontrar meus amigos, não fugir do Cardeal! - exclamou D'Artagnan, erguendo-se.

O rompante do gascão fez aparecer uma ruga na testa do Sr. de Tréville.

- Indo em busca dos amigos, estará se afastando das garras do Cardeal. Não há desonra em partir em auxílio de bons camaradas, mesmo deixando para trás uma ameaça de morte.

De madrugada, D'Artagnan e seu fiel criado Planchet partiram a cavalo, na mesma direção que haviam seguido em missão da rainha.

Em Chantilly, hospedaram-se na mesma estalagem onde tinham feito a primeira refeição na viagem anterior. O dono notou que seu hóspede era fidalgo, o que provavelmente poderia lhe trazer um bom lucro. Por isso tratou D'Artagnan com exagerada gentileza.

À noite, depois de um lauto jantar regado a bom vinho, D'Artagnan convidou o dono da estalagem a, juntos, beberem mais uma taça.

- Há mais ou menos quinze dias passei aqui com alguns amigos em direção à costa. Um deles, um mosqueteiro forte e apreciador de uma boa mesa, ficou para trás. Imagino que ainda esteja aqui nas imediações...

O homem deu uma risada.

- Refere-se ao Sr. Pormos?

- Isso mesmo!

- Asseguro-lhe que ele está muito bem e aproveitando ao máximo nossas instalações.

- Quer dizer que ele está aqui mesmo? O homem concordou e apontou para uma escadaria que levava ao andar superior.

- Mas só o seu criado tem permissão de entrar no quarto.

- Mosqueton, seu criado, também está aqui?

- Se está! Chegou uns cinco dias depois, andando com dificuldade.

Mas tudo o que o patrão quer ele providencia sem cerimónias. Nisso é

muito eficiente. O grande problema é que até agora não vi sinal de dinheiro nem qualquer promessa de pagamento - disse o homem desolado.

- Não se preocupe com isso. Venho preparado para pagar todas as despesas.

Novamente animado, o estalajadeiro tratou de subir na frente de D'Artagnan para mostrar o quarto de Pormos.

Aberta a porta, viram o mosqueteiro sentado a uma mesa, jogando cartas com Mosqueton, enquanto várias perdizes assavam num

espeto no braseiro da lareira.

Ao ver o amigo, o robusto mosqueteiro deu um berro, saudando-o:

- D'Artagnan, amigo velho! Enfim resolveu visitar este pobre ferido!

Infelizmente não posso levantar-me desta cadeira para dar-lhe uma acolhida mais efusiva e um abraço apertado!

- Não faz mal! O importante é que, pelo que vejo, já está quase recuperado.

- Um ferimento superficial, mas que me impede de andar. Naquele dia, quando pretendia castigar o provocador que brindava ao Cardeal e se negava a fazer o mesmo com o rei, tropecei e caí com o joelho contra uma pedra. De lá para cá, não consigo mais andar. Por isso me consolo jogando cartas com esse espertalhão! - e apontou para seu criado, que deu uma risadinha marota.

- Pelo que vejo, não lhe falta nada por aqui! - disse D'Artagnan com ar de divertida aprovação.

- A gente faz o possível para não passar fome nem sede. Nessa atividade o meu fiel Mosqueton é imbatível.

Mosqueton, com expressão singela, fez um sinal com os ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo conseguir provisões para o patrão.

D'Artagnan olhou em volta, para os aposentos confortáveis, a lareira com bom fogo e a grande provisão de vinho. Não havia dúvida de que Pormos estava levando uma vida regalada.

uma vocação bastante vulnerável

Depois de ter pagado a conta de Porthos na estalagem e acertado que, na volta, iriam juntos para Paris com os mosqueteiros

restantes, D'Artagnan prosseguiu viagem, acompanhado de Planchet, em busca de Aramis.

Enquanto cavalgava tranquilamente, o jovem gascão regozijava-se com a bela manhã, pensando na sorte da rainha e na de sua dama, a Sra.

Bonacieux. Não conhecia o desfecho da história dos diamantes, embora acreditasse que tudo correria bem. Toda vez que pensava na jovem aliada da rainha, uma onda de calor aquecia seu coração... Estaria se apaixonando por uma mulher com quem falara duas ou três vezes e de quem apenas sabia ser casada com um indivíduo que, segundo ela própria, não era confiável? Cogitando em problemas do coração, alcançou a estalagem onde deixara Aramis ferido, sob os cuidados dos donos da casa e na companhia de seu criado Bazin.

Diante da casa, uma mulher escorada na porta o observava. Era, na certa, a estalajadeira.

- Senhora, procuro um amigo meu que tive de deixar aqui há alguns dias...

- É um jovem bonito que usa uma bela farda de mosqueteiro do rei?

- Isso mesmo! Sabe onde está?

- É claro! Está aqui mesmo, onde se cura dos ferimentos não só do corpo como da alma. Agora mesmo está em seu quarto na companhia de dois religiosos, com quem conferencia há horas.

D'Artagnan sorriu.

- Ele é meio mosqueteiro, meio padre. Ainda não decidiu o que escolher... De qualquer forma, quero falar-lhe.

- Suba a escada à direita pelo lado de fora. Ele está no quarto número 5. Seu criado está de guarda na porta - advertiu a mulher.

Realmente Bazin estava postado diante da porta do quarto, com o aspecto de quem não permitiria a entrada de ninguém. Ele sabia que seu amo se preparava para tomar as ordens e sua maior ambição era poder servi-lo quando sacerdote, devido à sua grande vocação religiosa. Só esperava o dia em que Aramis trocasse a farda pela batina. A chegada do gascão não o alegrou.

D'Artagnan ignorou o criado e entrou no quarto sem bater. Sentados em torno de uma mesa na qual havia livros e papéis espalhados estavam Aramis, o superior dos jesuítas à sua direita e o Padre de Montdidier à sua esquerda.

Para surpresa de D'Artagnan, o jovem amigo limitou-se a um cumprimento formal, quase frio.

- Bom dia, amigo. Que prazer revê-lo!

- O prazer também é meu, embora não esteja certo de falar com meu bom amigo Aramis. Está tão enfermo que precisa da presença de dois padres para confortá-lo?

- De maneira nenhuma! Estamos discutindo coisas relevantes sobre a religião - disse, fazendo um gesto como se apresentasse os dois religiosos. Depois, num tom quase displicente, comentou, dirigindo-se aos padres: - Este meu amigo escapou de grandes e terríveis perigos.

- Graças a Deus! - disseram os dois em uníssono.

- Meu caro D'Artagnan, estamos aqui discutindo grandes questões teológicas que muito me fascinam. Poderia nos ajudar a buscar alguma luz?

- Sou um soldado e nada entendo desses problemas religiosos.

- Estou preparando uma tese para minha ordenação.
- Ordenação? - D'Artagnan sobressaltou-se com a possibilidade de Aramis se tomar de fato um padre.
- Isso mesmo. Estes dois religiosos estão contribuindo para que eu tenha sucesso no ingresso a uma ordem religiosa.

Os dois padres se levantaram. Juntaram alguns livros e papéis sobre a mesa e prepararam-se para partir.

- Vamos voltar para nossos afazeres. Amanhã estaremos aqui novamente.

Depois que os dois saíram, um momento embaraçoso pairou sobre os dois amigos, que ficaram mudos olhando um para o outro.

Afinal, o gascão falou:

- Espero que aqui haja algo para se comer. Estou em jejum desde o amanhecer e isso me prejudica o raciocínio.
- Logo será servida a refeição. Espinafre com ovos.
- Essa é uma dieta difícil de se aguentar! - exclamou D'Artagnan. - Mas, por uma vez, passa.

Enquanto o espinafre não chegava, Aramis pôs-se a discorrer sobre sua futura vida como sacerdote.

Pouco interessado nos problemas religiosos do amigo, D'Artagnan acabou por interrompê-lo com a pergunta:

- Por que, tendo tamanha vocação para o sacerdócio, resolveu seguir a carreira às anuas?
- Ainda não conhece minha história? Bem, desde os nove anos de idade que penso em ser padre. Fiquei num seminário até os vinte

anos, sempre me preparando para a futura missão. Certa noite, em visita à casa de uma família de amigos de meus pais, onde organizavam saraus literários, fui desacatado por um oficial enciumado por eu ter declamado alguns poemas. Era uma poesia que havia feito para a dona da casa, o que o deixou furioso. Na saída segurou-me pelo braço e praticamente me arrastou até um lugar isolado, onde me disse: "Se não quiser levar uma boa dúzia de bengaladas, nunca mais ponha os pés nesta casa". Ora, por questões de honra e fidalguia não haveria de aceitar tamanha vergonha.

Naquele mesmo momento tomei uma decisão. Comuniquei aos meus superiores que ainda não me encontrava suficientemente preparado para as ordens, procurei o melhor mestre de esgrima de Paris e tomei lições diárias por um ano inteiro. Depois disso, sentindo-me apto a responder ao insulto, vesti-me com as melhores roupas de minha condição de fidalgo e apresentei-me na mesma casa onde houvera o encontro com o oficial. Ele cantava uma melosa balada de amor, evidentemente destinada à dona da casa. Fui até ele e interrompi-o: "Cavalheiro! O senhor, que se opõe à minha presença nesta casa, e me avisou que se lhe desobedecesse me aplicaria algumas bengaladas, quer me acompanhar ao mesmo lugar onde me fez tal advertência?" "Como queira", respondeu ele, e, voltando-se para as senhoras que escutavam o estranho diálogo, explicou: "Senhoras, permitam-me ausentar-me por algum tempo.

Tenho de atender à súplica deste cavalheiro, que deseja morrer por minha espada. Logo estarei de volta para terminar minha canção".

Caminhamos até o lugar onde havíamos nos encontrado um ano antes, desembainhamos as espadas e depois de um furioso combate o matei.

- Matou-o! - exclamou D'Artagnan.

- O caso foi de grande repercussão e, claro, depois disso não poderia mais envergar a batina. Pelo menos por um tempo razoável, até que as coisas caíssem no esquecimento. A conselho de Pormos e Athos, meus velhos amigos, ingressei no regimento dos mosqueteiros, em que permaneço até poder ser finalmente ordenado padre.

- E por tudo isso é que passa a espinafre e ovos? Nem ao menos uma simples garrafa de bom vinho? Isso é lastimável!

- Tenho de estar preparado para uma vida de renúncias e sacrifícios. A gula é um pecado grave. - Aramis parecia estar convicto do que dizia.

- Certo. Porém você é um soldado que precisa estar bem alimentado para lutar.

- Renuncio a isso também. Não quero mais lutas nem desordens nem amores fáceis!

- Bem, sendo assim, devo queimar esta carta que trago de Paris... e que lhe é destinada...

De um salto, Aramis agarrou ambos os braços do gascão:

- Carta? Uma carta para mim, de Paris? - havia uma grande ansiedade no rosto do moço.

- Sim, isso mesmo! Mas, como renuncia às coisas terrenas, é melhor queimar essa carta que me foi confiada por uma bela dama -

um sorriso de troça bailava nos lábios de D'Artagnan.

- Meu Deus, amigo, não me faça sofrer com essa brincadeira cruel! Dê-me essa carta tão ansiada.

Depois de ler ansiosamente as duas folhas perfumadas que estavam no envelope, Aramis deu um salto, agarrou D'Artagnan pelos braços e começou a dançar pela sala como um louco.

- D'Artagnan, meu grande amigo, ela me ama! Ela ainda me ama! Abrace-me! Agradeço pela felicidade que me trouxe!

Abrindo e relendo a carta entre lágrimas de felicidade, o jovem mosqueteiro andava de um lado para o outro pela sala.

Quando Bazin entrou com o prato de espinafre, ele gritou:

- Suma daqui com essa verdura insossa! Traga um pernil de carneiro, lebre com toucinho, linguiças frescas e muito vinho!

Vamos comemorar o renascimento do amor!

A fortaleza de Alhos

Deixando Aramis com seus sonhos e esperanças, e depois de prometer voltar dentro de alguns dias, D'Artagnan prosseguiu em busca de Athos, o terceiro e último companheiro a ser resgatado. Deixara-o na estalagem, onde fora acusado de ser um fãlsário. Cercado por quatro agentes do Cardeal, D'Artagnan fora obrigado a deixá-lo para trás, pois não podia comprometer sua missão de chegar a Londres dentro do prazo estipulado.

- Athos pode ter morrido nas mãos dos capangas do Cardeal - disse o jovem gascão enquanto trotavam pela estrada.

- É possível - respondeu Planchet. - Mas, se isso aconteceu, temos de vingá-lo! Ele enfrentou sozinho os guardas, para poupar nossas vidas.

Ao chegarem à hospedaria, D'Artagnan perguntou asperamente ao desonesto dono do lugar onde se encontrava o mosqueteiro Athos.

- Quem é o senhor? - perguntou com maus bofes o homem.

- Já lhe refresco a memória, seu bandido! Há mais ou menos quinze dias nos abrigamos aqui, mas, ao tentar pagar a conta, nosso companheiro foi acusado por você de estar pagando com moedas falsas.

Era mentira, mas logo foi atacado pêlos guardas do Cardeal Richelieu, o que prova ter sido preparada uma armadilha para nos pegar.

- É verdade, cavalheiro. Eu havia recebido a informação de que alguns falsários, disfarçados de guardas ou mosqueteiros, passariam por aqui. No exato momento em que fossem pagar a conta, com moedas falsas, é evidente, eu deveria gritar por socorro. Os guardas estavam escondidos na outra sala, prontos para intervir.

- E então saltaram sobre pessoas inocentes com a intenção de matá las! Que grandes pilantras!

- Foi um lamentável engano. Infelizmente só fiquei sabendo disso depois que não havia mais remédio.

- Quer dizer que meu amigo está morto? - D'Artagnan agarrou o homem pela camisa.

- Nada disso! Ele está vivo e muito vivo! Infelizmente para mim, que estou tendo um grande prejuízo.

- Como assim?

- Quando os guardas saltaram sobre ele, sua resposta foi imediata.

Abateu dois a tiros de pistolas e os outros dois com a espada. Depois saltou, junto com seu criado, para dentro de minha adega, onde está até

agora.

- Quer dizer que o mantém preso em sua adega até que outros guardas venham buscá-lo?

- Nada disso! Ele está lá porque teme sair e ser agarrado. E o pior é que está acabando com meu estoque de presuntos, queijos e vinhos! Meu prejuízo é enorme... Jamais me recuperarei dessa desgraça!

D'Artagnan soltou uma alegre gargalhada. Com passos decididos aproximou-se da porta da adega e gritou:

- Athos, meu amigo! Sou eu, D'Artagnan! Abra essa porta! Dois ingleses que estavam sentados numa mesa no centro do salão e que tudo observavam, cansados de esperar para serem servidos, resolveram participar da discussão.

- É uma ofensa que o próprio dono não possa dispor do que é seu!

Se quiser uma ajuda, vamos arrombar a porta da adega e tirá-lo à força.

D'Artagnan, que já estava bastante irritado com os acontecimentos, sacou das duas pistolas do cinto e falou com voz retumbante:

- Quem tentar qualquer violência contra meu amigo será um homem morto!

- Experimentem entrar! - disse Athos muito calmamente do outro lado da porta.

- Planchet! - gritou o gascão, engatilhando as pistolas. - Encarregue-se de abrir a porta enquanto dou conta destes cavalheiros!

Os dois valentões acharam melhor afastar-se e cuidar da vida pois ali, pelo jeito, só encontrariam a morte.

- Assim é melhor, senhores. Depois de soltar meu amigo, haveremos de beber juntos amigavelmente.

- Isso se sobrou algum vinho - choramingou o estalajadeiro. Depois de fortes ruídos de móveis sendo afastados e rangidos de madeiras, Athos espiou para fora analisando a situação. Vendo tudo sob controle, saiu seguido de seu criado Grimaud.

- Está ferido? - perguntou D'Artagnan.

- Apenas moderadamente embriagado.

Sob uma gargalhada uníssona, ambos se abraçaram, enquanto o albergueiro suava frio ao pensar no seu estoque de mantimentos, dilapidado por quinze dias de ocupação dos dois estranhos.

Grimaud vinha ensopado num líquido gorduroso que o dono da casa imediatamente reconheceu como o azeite da melhor qualidade que só usava no preparo de pratos nobres para clientes também nobres.

- Mas... até o meu azeite?!

- O azeite é um bálsamo para as feridas. Nada mais justo do que Grimaud tê-lo usado em seus ferimentos! - argumentou Athos, divertido com a aflição do estalajadeiro.

- Terão de pagar por todo esse estrago! - gritou o homem, agora furioso.

- Isso é fácil - disse Athos - é só me devolver a bolsa que me foi tomada pêlos guardas. Com seu conteúdo, poderei muito bem pagar a despesa.

- Ora, sua bolsa foi levada para a prefeitura e todo mundo sabe que dinheiro que cai nas mãos daquela gente nunca é devolvido.

- Problema seu. Entregou meu dinheiro para estranhos, então trate de pegá-lo de volta.

- Isso é impossível!

- Então é impossível também pagar por seu prejuízo. E, dando o caso por encerrado. Amos convidou seus amigos para ocuparem uma mesa e saborearem algumas garrafas de bom vinho que haviam sobrado da desfalcada adega.

No dia seguinte, montados em seus cavalos, partiram alegremente para se juntarem aos amigos Aramis e Pormos e seguirem em direção à

bela e traiçoeira Paris.

A bela e misteriosa inglesa

Cumprida a última missão, os quatro aventureiros voltaram aos seus compromissos.

Certo dia, D'Artagnan passava diante de uma igreja, nas proximidades de sua casa, quando avistou uma dama que descia as escadarias e entrava numa carruagem estacionada ali perto. Reconheceu de imediato a senhora que estava junto do homem com quem havia se desentendido na cidade de Meung, quando viajava para Paris no início de suas aventuras. Ficou curioso. Por que essa mulher, que parecia uma inglesa, andava pelas ruas de Paris com tanta desenvoltura? E onde estaria o agressor de D'Artagnan, com quem ela demonstrara dar-se tão bem? Parecia que o papel daquela lady era bastante importante na corte, pois já a vira em outras ocasiões, e sempre junto de conspiradores. O

jovem resolveu fazer algumas investigações por conta própria.

Rapidamente dirigiu-se para casa e mandou que Planchet encilhasse dois cavalos. A galope, não foi difícil alcançar a

carruagem, que viajava lentamente em direção de Saint-Germain.

Seguindo a carruagem a uma prudente distância, D'Artagnan esperava que a inglesa o levasse até o homem de Meung com quem, finalmente, poderia acertar as contas. Algo lhe dizia que esse casal fazia parte dos mesmos conspiradores que haviam raptado a Sra.

Bonacieux e trabalhavam para desgraçar a rainha. Eram gente de Richelieu, isso estava claro.

Passados três quartos de hora, ao cruzar com um cavaleiro que vinha em sentido contrário, o veículo parou. O jovem iniciou uma áspera discussão com a passageira da carruagem, que foi ouvida pelo gascão, já

próximo.

D'Artagnan notou que falavam em inglês e que o homem ofendia a lady com palavras grosseiras e gritos. Com seu jeito cavalheiresco e sempre pronto a defender uma mulher em perigo, mesmo sendo inimiga, tirou o chapéu e ofereceu-se, gentilmente:

- Posso oferecer-lhe meus préstimos, senhora? Parece que esse cavaleiro a importuna.

A dama olhou espantada para o jovem, que não vira chegar:

- Aceitaria sua proteção se esse moço com quem discuto não fosse meu irmão - disse ela, agora em perfeito francês.

- Perdão, senhora, mas pensei que...

- Que está querendo esse paspalhão? - perguntou em voz alta o cavaleiro, também usando um francês extremamente correio. - Por que se mete em assuntos que não lhe dizem respeito, hem? Por que está aqui?

D'Artagnan esquentou-se.

- Estou aqui porque quero!

A mulher, vendo que esse encontro poderia acabar em duelo, ordenou ao cocheiro que tratasse de açoitar os cavalos para fugirem dali.

Enquanto isso, os dois contendores apearam de seus cavalos e desembainharam as espadas. Logo se iniciou um duelo cheio de passos desenvoltos pela estrada, um cruzar de espadas com tinidos angustiantes.

Desde os primeiros golpes, ficou claro que o desconhecido não era oponente para o jovem e bem treinado gascão. Depois de alguns minutos, a espada do inimigo saltou longe e D'Artagnan encostou a ponta da sua no peito do vencido.

- Poderia matá-lo, cavalheiro. Mas concedo-lhe a vida em homenagem à sua irmã.

O inglês, que esperava valentemente a estocada mortal, sorriu e aproximou-se do outro.

- Vejo que trato realmente com um fidalgo de estirpe. Agradeço lhe por poupar minha vida e peço-lhe que aceite meu abraço de amigo.

Depois de se abraçarem, o desconhecido apresentou-se como Lorde Winter e convidou o mais novo amigo para que lhe fizesse uma visita naquela mesma noite e conhecesse sua irmã.

D'Artagnan não poderia perder aquela oportunidade de conhecer a bela e misteriosa inglesa. Mas um breve temor lhe passou pela cabeça. E se ela o tivesse visto em Meung e o reconhecesse? Isso talvez lhe acarretasse algum incômodo, pois ela saberia que servia ao rei e não ao Cardeal, como provava a carta que lhe haviam furtado.

Porém, deixando tudo por conta de sua boa sorte, aceitou o convite.

Envergando seu melhor traje e com as botas reluzindo, D'Artagnan apresentou-se na casa de Lorde Winter depois do jantar.

Lady Clark recebeu-o cerimoniosamente.

- Este jovem fidalgo teve minha vida em suas mãos e poupou-a.

Agradeça, minha cara irmã, por ter eu me batido com um tão generoso cavalheiro.

A mulher foi cortês, mas sem qualquer efusão:

- Permita que o cumprimente, senhor. - Tinha uma voz bonita e melodiosa, mas sem calor.

Aquela noite passou sem que houvesse qualquer progresso nas investigações de D'Artagnan, que recebia respostas vagas ou evasivas a qualquer pergunta que fizesse em relação às atividades de Lady Clark na França.

Ao contrário dos demais ingleses, que começavam a abandonar a França em virtude da iminência de uma guerra com o seu país, Lady Clark não pensava em sair de sua suntuosa mansão em Paris. Havia algo que garantia sua permanência sem que fosse incomodada. Parecia imune às leis que se aplicavam aos outros. Apesar das poucas informações que obteve naquela noite, D'Artagnan não desanimou e, pouco antes de partir, pediu permissão para nova visita no dia seguinte.

A segunda visita parecia caminhar para outro final, sem qualquer avanço, quando a bela lady perguntou se o jovem gascão não gostaria de servir ao Cardeal Richelieu.

D'Artagnan, apesar da pouca idade, era muito prudente e sabia dissimular quando fosse necessário. Elogiou o Cardeal e disse que o admirava muito, mas já havia ingressado na guarda do rei por intervenção do Sr. de Tréville, velho amigo da família.

Lady Clark lastimou que ele não estivesse livre para ser um fiel servidor do Cardeal e, usando de muito tato, deu a visita por encerrada. Foi um tanto contrariado que o jovem partiu, uma vez mais de mãos vazias.

Já nos portões de saída, foi chamado com um psiu insistente, vindo do meio da frondosa ramagem que cobria o muro. Entre curioso e desconfiado, D'Artagnan puxou o cavalo pelas rédeas e aproximou-se. A jovem criada que o recebera nas duas visitas o esperava, meio escondida pela folhagem.

- Peço-lhe que me ouça - disse ela sussurrando. - O senhor está enganado quanto a Lady Clark.

- Por que diz isso?

- Ela é muito falsa e perigosa. Em primeiro lugar, Lorde Winter não é

seu irmão e sim seu cunhado; em segundo, ela não tem o mínimo interesse no senhor a não ser que lhe faça alguns serviços difíceis. Ela serve ao Cardeal Richelieu e conspira contra o rei. Já Lorde Winter é uma pessoa honesta. Por isso ela ficou furiosa quando o senhor lhe poupou a vida. Ela é

apaixonada pelo conde de Vardes...

- Não é um homem elegante, moreno, com uma pequena cicatriz na face?

D'Artagnan descreveu seu primeiro inimigo: o homem de Meung. A intuição foi tão forte que previu a resposta da moça:

- É ele mesmo! O senhor já o conhece?

- Já o vi uma vez e juro que não gostei nada do encontro. Depois disso D'Artagnan agradeceu à jovem e partiu, agora certo de que a bela inglesa era uma temível inimiga. Ficou-lhe também a certeza de que, por intermédio dela, chegaria finalmente ao desconhecido que lhe proporcionara uma inesquecível surra.

Ao chegar à casa de Athos, encontrou lá também Porthos e Aramis.

Contou minuciosamente sua aventura.

- Bem que o Sr. de Tréville estava preocupado com suas visitas a esses ingleses suspeitos. Logo estaremos em guerra e todo o cuidado é pouco com esse tipo de gente - comentou Porthos.

- Eles são aliados do Cardeal. Pelo menos a tal lady, que não passa de uma víbora. - D'Artagnan estava furioso, pois chegara a alimentar algumas ilusões com a bela inglesa.

- Então devemos fazer de tudo para frustrar seus planos malignos - sentenciou Porthos, o mais experiente.

O segredo de Lady Clark

Lady Clark guardava alguns segredos que precisavam ser desvendados, não só para tranquilidade dos quatro amigos, como também pelo bem da França. Por isso D'Artagnan resolveu que deveria voltar à

mansão dos ingleses e, mesmo arriscando a vida, descobrir tudo sobre esses maléficos estrangeiros.

Com um delicado bilhete levado por seu criado Planchet, o gascão pedia licença para visitar a lady no dia seguinte.

Quando chegou, foi recebido pela mesma criada que tão boas informações já lhe havia dado.

- Cuidado, senhor. Lady Clark está num de seus piores dias.

Aconteceu alguma coisa que a irritou muito - segredou-lhe ainda na porta de entrada.

Realmente, a bela mulher estava muito pálida e com sinais de grande perturbação.

- Se a importuno retiro-me, senhora - disse galantemente D'Artagnan.

- Nada disso, meu caro amigo. Sua presença talvez contribua para melhorar meu estado de ânimo. Realmente não estou passando muito bem. As preocupações, meu caro, não me dão um momento de paz - falava com sua voz melodiosa, quase sussurrando.

- O que pode perturbar tão bela criatura? O que pode ser tão terrível que abale sua magnífica serenidade? - o esperto gascão sabia usar as palavras quando se fazia necessário.

Imaginando o jovem fidalgo inexperiente e acreditando que poderia ser um escravo de suas ordens, a mulher tratou de fingir um grande carinho por D'Artagnan.

- Preciso de um braço forte para proteger-me contra aqueles que atentam contra minha vida e minha honra! - exclamou impetuosamente.

- E quem poderia ameaçar sua vida, senhora?

- São muitos meus inimigos e poucos meus protetores... -disse vagamente, como se não desejasse mencionar nomes.

- Diga um só nome e saberei castigá-lo! - D'Artagnan dava grande ênfase às suas palavras.

- O conde de Vardes me iludiu... - ela suspirou fundo. - Por isso merece ser castigado.

- Parece-me que seu amor não foi correspondido. Será isso motivo suficiente para tirar a vida de um bom fidalgo? - Agora o jovem falava ironicamente, certo de que a mulher se trairia.

- Como sabe disso? Anda me espionando? - uma suspeita súbita passou pela mente da inglesa.

- É claro. Sei também que milady serve o Cardeal Richelieu e que, juntamente com outros traidores de menor porte, conspira contra a França.

- Parece-me que o senhor está do lado dos que se alinham contra o Cardeal! - Agora não havia mais nada de amigável nem na voz nem nos gestos da mulher. - Se está contra o Cardeal, está contra mim e eu não costumo deixar meus inimigos vivos.

Num movimento rápido, pegou um punhal que estava sobre a mesa e investiu contra D'Artagnan, que conseguiu evitar o golpe no último momento.

- Sua víbora! Por pouco não me mata! - exclamou cheio de raiva.

Na segunda investida, o jovem conseguiu segurar a furiosa mulher pelos braços e empurrá-la contra a parede. Nesse movimento violento, arrancou parte do vestido, descobrindo-lhe o ombro esquerdo.

Uma dupla exclamação explodiu na sala: a de D'Artagnan, de enorme surpresa; a da inglesa, de ódio incontido.

Uma flor-de-lis gravada com um ferro em brasa ficou descoberta um pouco acima do seio esquerdo da mulher. Era a marca infamante que a justiça colocava nos traidores ou culpados de grandes crimes.

- Desgraçado! Descobriu meu segredo... Mas não irá contá-lo para ninguém, pois vou matá-lo! Não sairá vivo daqui!

Novamente investiu contra o jovem, que não teve outra saída senão defender-se com a espada. Olhando as feições alteradas da mulher, seus olhos faiscantes de ódio e seu rosto lívido, D'Artagnan teve a nítida impressão de que lutava contra uma víbora.

Defendendo-se como podia, ainda incerto em ferir uma mulher, mesmo em se tratando de uma fera como aquela, D'Artagnan foi recuando em direção à janela. O barulho da batalha certamente seria ouvido pelos criados, que haveriam de vir em socorro de sua senhora. E

isso era a última coisa que o jovem queria, pois sabia que os criados passavam de uma dúzia.

A mulher adivinhou as intenções do inimigo e começou a gritar por socorro com berros estridentes.

Imediatamente D'Artagnan acercou-se da janela, com um pulo saltou para o pátio e dali correu até o portão de saída onde estava amarrado seu cavalo. Foi no último instante que conseguiu ultrapassar os portões. Já uma porção de criados armados de mosquetes e espadas corriam em seu encalço, com o firme propósito de acabar com sua vida.

Depois de um galope desenfreado chegou à casa de Athos, que era a mais próxima. Saltou do cavalo e entrou correndo como se fosse ainda perseguido por uma horda de bandidos.

- O que aconteceu, meu amigo? - perguntou Athos, sobressaltado com a palidez do recém-chegado. - O rei morreu? Acaso acaba de matar o Cardeal?

- Deixe-me tomar fôlego... meu caro... que logo contarei... minha louca aventura.

Depois de ter bebido um copo de vinho e com a respiração controlada, iniciou o relato de seu encontro com a misteriosa lady.

- Prepare-se para ouvir uma história de arrepiar.

- Vá, conte logo ou estouro de curiosidade!

- A tal lady com quem venho me encontrando há algum tempo não passa de uma reles bandida. Uma traidora que tem no ombro a marca infame da flor-de-lis feita com um ferro em brasa. Depois que a acusei de conspirar contra a França, ficou possessa e atacou-me a golpes de punhal com um ódio assassino. Queria minha vida. Tenho certeza de que essa mulher é um dos elos da grande rede de espionagem que funciona em nosso território e tudo faz para desgraçar o rei e a França. Precisamos detê-la a qualquer custo.

- É a mesma rede comandada pelo Cardeal - afirmou Athos. - E da qual faz parte também o medíocre do Sr. Bonacieux. Por falar nisso, esse seu senhorio já veio à sua procura hoje, aqui em minha casa, por três vezes. Acho melhor tomar cuidado, meu amigo.

- Talvez ele tenha ficado pelas imediações. O melhor que fazemos é dar o fora antes que os homens do Cardeal nos cerquem. Aqui temos poucas condições de oferecer uma boa resistência.

- Nada disso! Vamos pedir que os outros mosqueteiros venham para cá. Juntos seremos uma presa muito indigesta para os guardas do Cardeal!

Naquela tarde, reuniram-se todos na casa de Athos, onde preparavam os armamentos, pois o Sr. de Tréville os avisara de que o rei iniciaria uma campanha contra os ingleses em La Rochelle. Nisso, entrou Planchet trazendo uma carta, que entregou a D'Artagnan. No envelope, as armas do Cardeal Richelieu.

Curioso, o jovem tratou de abrir e ler o breve bilhete. Era um convite para que ele comparecesse na mesma noite no palácio do prelado.

- Isso não é um convite e sim uma ordem! - exclamou D'Artagnan mal-humorado.

- Um convite do Cardeal ninguém se atreve a recusar... -observou Porthos. - Mas se nosso amigo for se meter na toca do leão, haveremos de estar juntos para defendê-lo caso seja atacado.

- Um por todos e todos por um! - exclamou Aramis, erguendo-se.

- Melhor que isso! - gritou Athos. - Vamos convidar alguns mosqueteiros para que nos façam companhia. Se for necessário, tomaremos de assalto a fortaleza do Cardeal.

Depois de acertarem os detalhes da visita, D'Artagnan preparou-se para apresentar-se diante do temível Cardeal.

Na hora estabelecida, apresentou a carta ao mordomo e foi introduzido numa suntuosa sala onde um homem escrevia, sentado junto de uma pesada mesa cheia de papéis. Era o Cardeal Richelieu.

A frente de batalha de La Rochelle

- Eminência, fui convidado para uma audiência...

- É o senhor D'Artagnan, fidalgo da Gasconha? - a voz do religioso era fria e seus olhos pareciam perfurar o corpo do jovem.

- Sim, Eminência.

- Foi admitido na Guarda Real por indicação do Sr. de Tréville, pelo que fui informado.

- Isso mesmo, Eminência.

- Sua vontade era pertencer aos Mosqueteiros do Rei, mas a carta de apresentação lhe foi furtada num episódio pouco edificante em Meung.

- Vossa Eminência tudo sabe.

- Sei também que depois de chegar a Paris não parou de criar confusões. Sua viagem com os mosqueteiros Athos, Porthos e Aramis para uma estação de águas foi bastante tumultuada. Pelas informações que me chegaram, o senhor esticou sua jornada até

Londres... Tinha algum negócio na Inglaterra? - a pergunta era direta - e não permitia meias respostas.

- Eminência, reserve-me o direito...

- Depois disso, foi convidado a participar da minha guarda e recusou. Tenho tratado o senhor com uma consideração acima de suas virtudes, embora não ignore ser um bom e vim exímio espadachim.

D'Artagnan fez uma mesura e continuou calado, pois nada tinha a dizer diante da fluência do Cardeal.

- Sente-se, senhor D'Artagnan! Somente os empregados inferiores permanecem de pé diante de um nobre. Seu nome permite que seja tratado como um fidalgo. Ainda não respondeu à minha pergunta: quer passar a servir sob minhas ordens? Terá o posto de alferes e logo poderá ser promovido a tenente.

- Meu senhor, entre os mosqueteiros conquistei todos os meus amigos e, entre os guardas de Vossa Eminência, todos os meus inimigos. Seria uma troca infeliz, embora me sinta honrado em merecer tal oferecimento.

- O senhor se recusa a servir-me?

- Eminência, em breve terei a honra de servir sob suas ordens no cerco de La Rochelle. Procurarei praticar algum ato que me faça merecer sua proteção.

Acredito que tudo deve ser feito no momento oportuno. Agora, poderia parecer que me vendo.

- Está bem! - Com um gesto brusco, o Cardeal levantou-se e rodeou a mesa.

- Continue com seus amigos e aumente o número de inimigos. No futuro, se alguma coisa, lhe acontecer, lembre-se de que a proteção do Cardeal é a única verdadeiramente eficaz.

Preocupado com as últimas palavras do Cardeal, o jovem tratou de voltar ao abrigo da casa de Athos e à proteção de seus amigos.

No dia seguinte, as tropas da Guarda Real e dos Mosqueteiros foram passadas em revista pelo rei e pelo Cardeal e, em seguida, despachadas para La Rochelle, onde a guerra já seguia seu curso. Os ingleses, comandados pelo Duque de Buckingham, haviam tomado a ilha de Ré e preparavam-se para avançar.

O cerco de La Rochelle foi um dos graves acontecimentos políticos no reinado de Luís XIII e uma das grandes empresas militares do Cardeal. D'Artagnan faria sua estreia numa guerra que parecia ter sido declarada por motivos fúteis, tanto do lado francês como do lado inglês.

Pelo menos o que corria entre a soldadesca e seus comandantes era que Richelieu lutava contra a Inglaterra por uma disputa pessoal com o Duque de Buckingham e este aceitava o conflito por idênticos motivos.

Enfim, as duas nações mais poderosas da Europa lutavam por vontade de dois nobres cheios de ódios. Absurdos que só o poder absoluto poderia explicar.

No dia 10 de setembro de 1627, D'Artagnan chegou ao acampamento de La Rochelle. Os ingleses ainda ocupavam a ilha de Ré e o confronto diante dos muros da cidade havia começado alguns dias antes.

Os tiroteios eram frequentes, mas nenhuma das partes parecia com muito ânimo para avançar.

D'Artagnan defendia os muros juntamente com as tropas recém-chegadas. No segundo dia, recebeu uma bala de origem muito estranha, pois veio das fileiras que se encontravam na segunda linha, atrás dele.

Isso fez com que atentasse para o que lhe havia dito o Cardeal sobre os perigos de quem não lhe era subordinado.

Depois de uma discreta investigação, D'Artagnan descobriu um agente do Cardeal com a missão de eliminá-lo. Era um tal Brissemont que, ao ser descoberto, confessou trazer uma ordem justamente de Lady Clark para assassiná-lo. A poderosa lady continuava ativa e mostrava que pretendia eliminar seus inimigos.

Depois de afirmar ao seu frustrado matador que não o castigaria nem o denunciaria, D'Artagnan obteve a promessa de não ser alvo de novas tentativas e ainda aceitou a amizade que o outro oferecia.

As coisas pareciam acertadas quando um jovem criado apareceu com uma cesta cheia de garrafas de vinho. Informou terem La

Rochelle, um importante porto francês diante do qual se localiza a ilha de Ré, era, então, um

poderoso reduto do protestantismo. Com o objetivo de acabar com o poderio político dos

huguenotes, ou seja, dos protestantes franceses, o Cardeal Richelieu promoveu em 1627 o cerco à

cidade, que resistia fortemente porque contava com o apoio da Inglaterra.

sido enviadas por um fornecedor dos mosqueteiros e por encomenda de seus amigos Athos, Pormos e Aramis.

D'Artagnan resolveu fazer um jantar regado com as doze garrafas de vinho. Convidou dois companheiros de trincheira e acertou para que Brissefont, seu novo amigo, provesse a mesa com boas carnes e pães novos.

Momentos antes do jantar, os canhões começaram a troar com passadamente. Gritos de "Viva o rei" e "Viva o Cardeal" anunciavam a chegada dos dois à frente de batalha.

D'Artagnan e seus convidados saíram da barraca de campanha a fim de saudar o cortejo real. Na guarda vinham os três inseparáveis amigos Athos, Pormos e Aramis.

Logo que saltaram de seus cavalos, Pormos perguntou:

- Algum vinho que mereça ser bebido por um trio de sedentos?

- Claro! Temos as doze garrafas que vocês me mandaram! -

respondeu D' Artagnan jovialmente. Pormos ficou espantado.

- Ninguém mandou nada, pelo que sei.

Uma súbita suspeita tomou conta do gascão. Em rápidas passadas entrou na tenda e a primeira coisa que viu foi Brissemont caído junto à

mesa posta. Estava morto. A seu lado, uma garrafa tombada, donde um filete de vinho escorria para o chão.

- O vinho estava envenenado! Um presente mortal que, feliz mente, não provamos. - exclamou D'Artagnan, abalado com o destino do pobre Brissemont.

Mais uma vez o longo braço vingativo do Cardeal tentava alcançar o destemido D'Artagnan.

O Conde de La Fere

Depois de providenciado o sepultamento de Brissemont, os quatro parceiros reuniram-se em torno de uma mesa para deliberar sobre as providências que deveriam tomar, a fim de evitar novo golpe do terrível Cardeal.

- O melhor que podemos fazer, no momento, é estar sempre juntos, um cuidando das costas dos outros. Não temos outra solução, até que esta guerra termine e possamos voltar para Paris. Lá, pelo menos, será mais fácil nos protegermos - sentenciou o prudente Pormos.

- Ainda mais que nosso amigo D'Artagnan já recebeu um tiro pelas costas de alguém que, felizmente, errou o alvo. Da próxima vez, os bandidos poderão ter mais sorte... - disse Aramis, o mais calado dos quatro.

- Mais sorte ou melhor pontaria - completou Amos, até então afastado da discussão.

Depois do jantar, os mosqueteiros se despediram, pois deveriam dormir em suas próprias tendas de campanha.

As notícias da guerra diziam que, no dia seguinte, haveriam de atacar a ilha de Ré, onde os ingleses ainda mantinham um forte esquema de defesa. Caindo a ilha, ficaria mais fácil desalojar o inimigo de La Rochelle e vencer a guerra. Os preparativos para a expulsão dos ingleses estavam se intensificando e as medidas de segurança eram cada vez mais severas.

Certa noite, quando Athos, Porthos e Aramis faziam a ronda, encontraram três cavaleiros que vinham em sentido contrário pela estrada do acampamento.

- Quem vem lá? - perguntou Porthos, com seu vozeirão retumbante.

- Soldados do Cardeal! - gritou uma voz em resposta.

- Identifiquem-se! - ordenou Porthos.

Os cavaleiros se aproximaram e o que estava na frente afastou a capa que lhe cobria o rosto. Imediatamente foi reconhecido: era o Cardeal Richelieu.

O Cardeal fez um gesto para que um dos guardas se aproximasse e disse-lhe em voz baixa:

- Eles nos acompanharão. Não quero que comentem com ninguém que saí do acampamento e, assim, não terão essa oportunidade.

- Vossa Eminência nada tem a temer - disse Athos, ao ouvir as palavras do Cardeal, revelando a presença de espírito e o sangue-frio que jamais o abandonavam. - Somos mosqueteiros. Estamos aqui a serviço de Vossa Eminência e, como sabe, somos homens de segredo.

- Sei que não me apreciam muito, mas sei também que posso confiar em vocês. - E, dispensando os guardas com um gesto, acrescentou: - Quero que me sirvam de guarda pessoal. Acompanhem-me!

Sem outra saída, os três acompanharam silenciosamente o Cardeal, que conduziu seu cavalo pela estrada até bem longe do acampamento. Depois de mais de meia hora de cavalgada, chegaram a uma estalagem, onde apearam e entraram.

- Os senhores esperam nesta sala - ordenou o Cardeal. - Não demoro mais de meia hora. - Depois disso, subiu por uma escada até o andar superior e entrou num dos quartos.

Os três acomodaram-se em torno de uma mesa e ficaram esperando, sem nada para fazer a não ser olhar um para a cara do outro.

Afinal, Athos começou a andar de um lado para o outro. Reparou que, ao passar pela lareira, ouvia vozes abafadas, certamente vindas do quarto superior, já que a chaminé ligava as duas peças. Parou para escutar e identificou uma das vozes como sendo a do Cardeal e a outra, que ele tinha a impressão de já ter ouvido, era de uma mulher.

- Devo dizer ao Duque de Buckingham que Vossa Eminência tem provas de suas visitas à França e, especialmente, aos aposentos da rainha. Devo também falar do colar de diamantes que aquele desgraçado D'Artagnan conseguiu trazer de volta ainda a tempo de a rainha usá-lo durante o baile... E por último dir-lhe-ei que esta guerra pode custar a honra da rainha. Mas, e se, apesar disso tudo, ele persistir?

- Nesse caso, milady, deverá acertar a eliminação desse problema -

o Cardeal falava como se estivesse tratando de um simples caso de rotina. - Não ignora que a Inglaterra está cheia de fanáticos que costumam assassinar seus líderes. - Encontrarei esse fanático. Mas Vossa Eminência sabe perfeitamente que também tenho inimigos e gostaria de eliminá-los. Seria justo que assinasse uma ordem, conferindo-me liberdade de ação nesses casos...

Depois de um silêncio de alguns minutos, novamente a voz da mulher se fez ouvir pela chaminé.

- Obrigada, Eminência. Uma vida pela outra. Amos, que ouvia tudo em silêncio, tomou uma resolução

súbita.

- Amigos, vou sair. Quando o Cardeal descer, digam-lhe que fui para a estrada e que seguirei à frente, como batedor.

E, sem maiores explicações, montou e partiu a galope até a primeira curva do caminho. Ali, saiu da estrada e meteu o cavalo pelo mato até ter certeza de estar bem escondido. Só saiu dali quando viu passar o Cardeal e os dois mosqueteiros galopando em direção ao acampamento. Voltou, então, para a estalagem. Com passos decididos, subiu a escada e bateu à

porta onde antes estivera o Cardeal com a estranha mulher. Quando a porta foi aberta, entrou

sem hesitar e fechou-a atrás de si.

- Quem é e o que deseja? - perguntou a mulher asperamente.

- Não me reconhece, senhora? - disse Athos com a voz entre raivosa e sarcástica.

- O Conde de La Fere! - gritou a mulher levando as mãos ao peito.

- Sim, senhora. O Conde de La Fere. Pensou que eu estivesse morto? Também pensei que havia morrido. Ambos nos enganamos.

Agora sou apenas Athos e a senhora é Lady Clark. Também abandonou seu antigo nome de Anne de Bueil?

- Diga-me o que deseja ou retire-se! Não me importa qual seja seu nome atual nem que me chame pelo meu nome de antes. -A

mulher agora estava furiosa. Seus olhos chispavam como duas brasas.

- Conheço seus planos e sei de tudo que vem fazendo. Conti nua a mesma víbora venenosa, sempre pronta a desgraçar alguém. Mas isso não me importa. Quero a ordem assinada pelo Cardeal! - enquanto falava, Amos tirou a pistola da cintura e armou o gatilho.

- Não tenho ordem nenhuma! E se a tivesse jamais a entregaria!

- Estouro-lhe os miolos se não me entregar o papel! Conto até três e atiro em seguida.

Vendo que Amos não blefava, a mulher tirou um papel do decote de seu vestido e entregou-o com as mãos trêmulas.

- Aqui está! E que seja amaldiçoado.

Athos desdobrou o papel e leu o conteúdo. Era uma ordem simples. Dava ao portador amplos poderes para fazer o que quisesse, sem prestar contas a não ser ao signatário. A assinatura era do Cardeal Richelieu.

O rosto do mosqueteiro estava inundado de suor. Encarou a mulher que estava à sua frente e, como num relâmpago, lembrou seu longínquo passado.

Anne de Bueil fora uma mulher de extraordinária beleza e inteligência muito superior à maioria das pessoas. Amos, então Conde de La Fere, havia se apaixonado perdidamente por ela. Sem imaginar o quanto havia de maldade naquele coração, o fidalgo casou-se com Anne de Bueil, a quem concedeu o título de condessa. Foram curtos os meses de felicidade. Logo a bela esposa se revelou. Primeiro tomou como amante um conhecido aventureiro a quem prometeu metade de sua fortuna se assassinasse seu esposo. Um atentado deixou o conde como morto à margem da estrada que levava a seu castelo. Anne de Bueil, porém, não cumpriu o trato

com seu cúmplice e contratou um terceiro para matá-lo. Este, por sua vez, depois de cumprir a missão, foi morto pela própria mandante. Descoberta, foi condenada à morte e levada para a forca. No intervalo entre a condenação e a execução, conseguiu iludir o carcereiro com promessas de amor e fortuna e foi por ele posta em liberdade. Depois disso, havia sumido, ficando longo tempo escondida na Inglaterra, onde praticou outros delitos, a ponto de ter de voltar às escondidas para a França. Em Paris, colocou-se a serviço do Cardeal Richelieu, praticando novos crimes contra o reino e a rainha. Agora, descoberta, resolvera voltar novamente para a Inglaterra e cumprir a terrível tarefa de assassinar o Duque de Buckingham.

Athos, se soubesse que a terrível mulher praticaria esse crime, mesmo sem as ordens escritas do Cardeal, talvez a tivesse matado naquele momento em que a tivera em seu poder.

Em Londres, Lady Clark, conforme se apresentava, conseguiu aliciar um fanático de nome Felton que servia na marinha real e, novamente com promessas de fortuna e amor, induziu-o a matar o ministro de Buckingham. Fazendo-se passar por um mensageiro, o homem aproximou-se do duque e cravou-lhe um punhal no peito.

Durou menos de uma hora a agonia do Duque de Buckingham.

Mais uma vez se consumavam as terríveis tramas urdidas pelo sinistro Cardeal.

A falsa amiga

Nesse meio tempo, entediado por permanecer tanto tempo em La Rochelle, o rei decidiu retornar a Paris com uma pequena escolta, da qual fizeram parte os três mosqueteiros e D'Artagnan.

Os quatro amigos obtiveram licença de alguns dias, o que muito agradou ao jovem gascão, pois ele queria rever a senhora Bonacieux.

Lady Clark, assim que tomou conhecimento da morte do ministro inglês, tratou de fugir como clandestina num barco que ia para Calais.

Seu cúmplice Felton deu-se conta da traição apenas quando soube que a bela mulher que o enfeitiçara havia fugido, abandonando-o à própria sorte.

Já no território francês, ela comunicou ao Cardeal o êxito de sua missão e pediu-lhe ajuda para localizar a bela Sra. Bonacieux, a quem desejava eliminar. Afinal, não havia esquecido que era ela quem levava as mensagens para fora do palácio, sempre frustrando seus planos de desgraçar Ana d'Áustria.

Satisfeito com a atuação de sua aliada, o Cardeal mandou informá

la de que sua inimiga estava escondida num Convento das Carmelitas, em Armentieres. Ali se encontrava por indicação da rainha, que sabia dos perigos sob os quais ela vivia. Aos espiões do Cardeal não fora difícil localizar o esconderijo.

Lady Clark rumou para o convento, onde se apresentou com uma ordem do Cardeal para ser hospedada por algum tempo. A superiora não tinha por que suspeitar da bela mulher, pois era bastante comum dar abrigo para enviados do Cardeal e do palácio real.

Assim que se instalou no convento, Lady Clark procurou fazer amizade não só com a madre superiora como também com uma outra mulher que lá estava hospedada. Com o ar mais inocente do mundo, aquele que costumava aparentar quando queria obter informações valiosas, conseguiu aproximar-se de Constance Bonacieux e iniciar uma amizade, baseada no fato de ambas estarem escondidas para proteger as próprias vidas.

Ingenuamente, Constance contou que esperava a vinda de D'Artagnan para muito breve. Isso fez com que a perigosa lady

resolvesse agir o mais rapidamente possível.

- Pensei que esses nobres cavalheiros estivessem em La Rochelle - disse, enquanto imaginava um jeito de acertar as contas também com o atrevido gascão.

- Também acreditava nisso, mas parece que, em La Rochelle, a paz está muito próxima. Recebi um comunicado dizendo que ele, juntamente com seus amigos, estão prestes a chegar.

A jovem falava com evidentes sinais de alegria. Embora ainda estivesse presa pelo casamento ao Sr. Bonacieux, seu coração palpitava pelo intrépido e jovem guarda real.

Naquela noite, após o jantar, as duas estavam na sacada do convento conversando amigavelmente quando um ruidoso tropel de vários cavalos soou ao longe.

- É D'Artagnan! - exclamou Constance, olhando ansiosamente para a estrada.

Realmente, o jovem galopava diante de vários outros cavaleiros que ainda não podiam ser identificados devido à distância e à escuridão. Lady Clark assustou-se com a possibilidade de confrontar-se com vários inimigos ao mesmo tempo. Isso lhe seria fatal. Resolveu agir imediatamente. Sua inimiga mais próxima seria eliminada antes que pudesse ser socorrida pelos que chegavam.

Fingindo também grande alegria, Lady Clark abraçou-se à nova amiga e sugeriu:

- Vamos preparar uma mesa com bom vinho para brindá-los! E, sem esperar resposta, correu para o interior, voltando logo depois com duas garrafas de vinho e algumas taças. Serviu duas delas e, sem que fosse notada, despejou um pó branco numa das taças, que entregou a Constance.

- Beba um pouco. Parece que a emoção deixou-a um tanto pálida!

Quase automaticamente a outra levou a taça aos lábios e sorveu todo o conteúdo. Sem saber, havia bebido uma quantidade letal de veneno.

Sem esperar pelo efeito do veneno, Lady Clark se afastou e correu para um portão lateral dos muros do convento. Rapidamente alcançou a saída e correu pela estrada, sumindo na escuridão da noite.

D'Artagnan e seus amigos apearam no pátio interno do convento, onde uma freira os recebeu. Depois de se identificarem, foram introduzidos no salão, justamente onde estava Constance.

Quando D'Artagnan entrou, viu que a moça estava estendida num grande sofá com as mãos na garganta, como se sufocasse. O jovem correu e amparou-a nos braços enquanto perguntava, angustiado:

- O que aconteceu? O que está sentindo?

- O vinho!... O vinho!... Aquela mulher... me envenenou -disse a infeliz, tentando desesperadamente respirar.

- Procurem a mulher! - gritou o jovem. Constance estremeceu e ficou imóvel. Estava morta. Os homens correram em várias direções. Passados alguns momentos, voltaram segurando a assassina, que esperneava e gritava contra os que a prendiam.

Quando D'Artagnan a viu, tudo ficou claro. Era a terrível mulher que parecia ser mais forte e esperta que todos os seus inimigos.

Athos, de olhos arregalados, estremeceu e oscilou como se tivesse recebido um golpe na cabeça.

- Outra vez essa fera! - exclamou. - Será que jamais nos livraremos desse ser infernal?

- Desta vez ela está perdida! Nada a salvará. Já causou tantos males que só sua morte poderá impedi-la de praticar outros crimes
- a voz de D'Artagnan não admitia contestações.

Todos entenderam que se a assassina não fosse entregue imediatamente à

justiça, o jovem gascão seria seu carrasco.

Naquela noite, Lady Clark ficou presa numa cela do convento, guardada por três atentos carcereiros. No dia seguinte, foi levada sob escolta para Paris. Lady Clark, Arme de Bueil ou sabe-se lá que outros nomes pudesse ter usado, foi enforcada na prisão.

Novamente a caminho de La Rochelle, os quatro amigos participavam da escolta do rei, que voltava ao cenário da guerra. Certa manhã, enquanto aguardavam o rei sair de seu alojamento para prosseguirem viagem, D'Artagnan viu um cavaleiro que se aproximava a galope. Um grito de júbilo e raiva explodiu da garganta do gascão:

- O homem de Meung! Finalmente o encontro! Arremessando o cavalo e interrompendo o caminho do outro, berrou:

- Alto lá, cavalheiro, que temos uma conta a acertar! Desta vez não me escapará!

O outro puxou as rédeas de seu cavalo e esperou.

- Não pretendo fugir - disse calmamente. - Aliás, por ordem de Sua Majestade, o rei, dou-lhe voz de prisão.

- Prisão? Mas quem é o senhor?

- Cavalheiro de Rochefort, escudeiro de Sua Eminência, o Cardeal RicheJieu.

Pego de surpresa, D'Artagnan não esboçou qualquer reação.

Entregou sua espada e preparou-se para acompanhar o mensageiro do Cardeal.

- Nós os acompanhamos - disse Athos, com firmeza. - Afinal, vamos todos para o acampamento.

Rochefort, vendo-se ali em minoria, e percebendo que o jovem gascão não oferecia resistência, acatou a decisão dos três mosqueteiros.

Na manhã seguinte, D'Artagnan foi conduzido à presença do Cardeal Richelieu.

- Foi preso por minha ordem. Sabe por quê?

- Se Vossa Eminência me informar...

- Sei que tem tomado a justiça em suas mãos. Com que autoridade mandou prender minha auxiliar, Lady Clark?

- Não só ordenei que fosse presa como forneci todas as provas para sua condenação e posterior morte na forca.

Um grande ar de surpresa estampou-se no rosto do Cardeal.

- Quer dizer que Lady Clark está morta? E por seu empenho? - era evidente que o ministro ainda não sabia da morte de sua aliada.

- Isso mesmo. Uma mulher infamada pela justiça de nosso país, autora de crimes que Vossa Eminência certamente desconhecia quando a honrou com sua confiança! E fiz tudo isso porque Vossa Eminência me outorgou poderes para tanto - um sorriso maroto iluminou o rosto do jovem.

- Por minha ordem? Está louco? - sinais de ira incontrolável apareciam agora no rosto congestionado do Cardeal.

- Isso mesmo - e, metendo a mão no bolso, D'Artagnan retirou a ordem que Athos tomara de Lady Clark, na estalagem de La Rochele, e lhe havia confiado.

Imediatamente o Cardeal reconheceu o papel com suas armas e sua assinatura.

Pegou o papel e ficou imóvel, absorto em seus pensamentos.

Ainda pensativo, rasgou-o lentamente, em muitos pedaços. "Pronto!

Desta eu não saio" - pensou D'Artagnan. Um sorriso iluminou o rosto do Cardeal, quase sempre tão

sisudo.

- O senhor, meu jovem, é muito arrojado e inteligente para ser desperdiçado em qualquer serviço. De hoje em diante, estará servindo nos Mosqueteiros do Rei, no posto de tenente. E não tente negar-se mais uma vez ou juro-lhe que será atirado numa prisão donde nunca mais sairá.

D'Artagnan mal podia acreditar que agora era um mosqueteiro!

Seu sonho finalmente se tornara realidade.

Depois de um longo cerco, La Rochelle capitulou. Os ingleses se retiraram e a paz foi firmada.

Aramis finalmente entrou para um mosteiro, onde haveria de seguir a carreira religiosa.

Athos continuou ainda algum tempo como mosqueteiro, mas depois retirou-se para uma propriedade rural que havia herdado de seus pais. Lá ficou alternando sua vida com leituras, exercícios com a espada e cavalgadas matinais.

Pormos casou-se com uma duquesa muito rica que lhe proporcionava uma vida farta.

Todos levaram seus empregados, que continuaram a servi-los.

D'Artagnan duelou três vezes contra o Cavaleiro de Rochefort, o homem de Meung, sem que qualquer um dos dois conseguisse vencer o outro. Finalmente resolveram selar uma paz que, em seguida, se transformou em sólida amizade.

Cada um seguiu em seu posto: D'Artagnan como oficial dos mosqueteiros do rei e Rochefort como fiel escudeiro do Cardeal.

Os outros personagens foram engolidos pela História.

Apesar de os mosqueteiros terem se dispersado, cada um procurando realizar seus sonhos e alcançar seu próprio destino, a lenda ficou para sempre.

E o grito de guerra, que era também a promessa de eterna amizade, ficou gravado nos corações de todos que amam a aventura e admiram os aventureiros:

"Um por todos e todos por um".

****fim****